

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Universidade do Porto

Religião, Sexualidade e Papéis de Género:

Estudo Exploratório

Dissertação apresentada pelo aluno Simão do Vale Pais na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Psicologia na área da Psicologia Clínica, sob orientação da Professora Doutora Cidália Duarte.

Setembro, 2009

Resumo

O objectivo primordial deste estudo é abordar os temas da religião, sexualidade e papéis de género. Considera-se que estes estão relacionados entre si, podendo a religião funcionar como um factor de interferência nas concepções, forma de experienciar e de atribuir significados à sexualidade e aos papéis de género. As relações entre estas três variáveis são o principal foco de atenção deste estudo.

Para se abordar estas temáticas optou-se por uma metodologia qualitativa, tendo sido realizados três *focus groups* com participantes jovens adultos (entre os dezoito e os trinta anos de idade) de sexos e credos religiosos distintos. O objectivo na selecção dos participantes foi o de possibilitar a obtenção de discursos heterogéneos e variados.

Não se tem a pretensão de chegar à génese das relações entre estas três dimensões ou de as explicar à luz de teorias da Psicologia, mas tentar-se-á salientar os aspectos mais relevantes (que surgem nos discursos dos participantes) e os dados que nos dão indicações sobre estas relações e sobre a inter-dependência destas três variáveis. Aqui, os principais objectivos são o de demonstrar a centralidade da religião na construção de outras áreas da existência humana e o de a afirmar como um fenómeno inerente ao funcionamento psicológico do ser humano.

Começar-se-á por fazer uma exploração teórica destes temas e das relações entre eles, que se podem encontrar na literatura. Pretende-se dar uma visão global e integradora, salientar aspectos que consideramos centrais e determinantes para cada uma das temáticas abordadas.

De seguida será apresentado o estudo e a forma como este decorreu: selecção dos participantes, constituição dos grupos e categorias criadas para a análise de conteúdo.

Na secção final deste trabalho faremos uma exposição dos resultados mais pertinentes neste estudo, reflectir-se-á sobre os mesmos e terminar-se-á com algumas reflexões finais que levantam questões e abrem portas a estudos futuros. A religião, a sexualidade e os papéis de género aparecerão, face aos resultados, como existindo em relação mútua e estas variáveis serão descritas (em função das percepções dos participantes) como constructos complexos, multi-dimensionais e inter-dependentes.

ABSTRACT

The primary objective of this study is to address the themes of religion, sexuality and gender roles. It is considered that these are interrelated and that religion can function as a source of interference in the concepts, ways of experiencing and meaning construction of sexuality and gender roles. The relationship between these three variables is the main focus of this study.

To address these issues we chose a qualitative methodology. Three focus groups were conducted with young adults (between eighteen and thirty years of age) of both sexes and different religions. The goal in selecting these participants was to enable the achievement of heterogeneous and varied speeches.

There is no pretension of explaining the genesis of the relationship between the three dimensions or to explain them in the light of psychology's theories. But we will try to highlight the most relevant aspects (that arise in the participants' speeches) and the data that give us information on these relations and the interdependence between these three variables. Here, the main objectives are to demonstrate the centrality of religion in the development of other areas of human existence and to assert its inherence in the psychological functioning of the human being.

We will start by making a theoretical exploration of these issues and of the relations between them, which can be found in the literature. The intention is to offer a broad and unifying perspective by pointing out aspects that we consider central and decisive for each of the subjects addressed.

Then, methodological aspects will be presented: participants' selection, groups' formation and categories' creation for content analysis.

In the final section, this study's most relevant results will be presented, reflected about and we will end with some reflections that raise questions and open doors to future studies. Religion, sexuality and gender roles appear, given the results, as existing in relation to one another and these variables will be described (according to participants' perceptions) as complex, multi-dimensional and inter-dependent constructs.

Résumé

L'objectif principal de cette étude est d'aborder les thèmes de la religion, la sexualité et des rôles sexuels. Nous considérons que ces questions sont interdépendantes, la religion peut servir de source d'interférence dans les concepts, moiens d'expérimenter et de donner un sens à la sexualité et aux rôles sexuels. La relation entre ces trois variables est le thème principal de cette étude.

Pour répondre à ces questions nous avons choisi une méthodologie qualitative. On a effectué trois *focus groups* avec des jeunes adultes (âgés de dix-huit à trente ans), des deux sexes et de religions différentes. Le but de cette sélection des participants était de permettre la réalisation des discours hétérogènes et variés.

Il n'y a aucune intention à vouloir expliquer la genèse de la relation entre les trois dimensions, ou de les expliquer selon les théories de la psychologie, mais d'essayez de mettre en évidence les aspects les plus pertinents (qui se posent dans les discours des participants) et l'informations qui nous donnent renseignements sur ces relations et sur l'interdépendance de ces trois variables. Ici, les principaux objectifs sont de démontrer la centralité de la religion dans la construction d'autres domaines de l'existence humaine et de l'affirmer comme un phénomène inhérent au fonctionnement psychologique de l'être humain.

En premier lieu, nous ferons une exploration théorique de ces questions et de leurs relations, qui peuvent être trouvé dans la littérature. L'intention est d'offre une perspective élargie e intégrée que souligne les aspects que nous considérons comme centraux et déterminants pour chacun des thèmes abordés.

Ensuite, nous présentons les aspects méthodologiques: la sélection des participants, la formation des groupes et la création des catégories pour l'analyse de contenu.

Dans la dernier parti de cette recherche, nous présenterons les résultats les plus pertinents, on les reflétera et elle se terminera par quelques réflexions qui soulèvent des questions et qui laissent des fenêtres ouvertes pour futures études. La religion, la sexualité et les rôles sexuels semblent, au vu des résultats, telles qu'elles existaient en rapport à l'autre et telles que ces variables seront décrites (selon la perception des participants) comme constructions complexes, multidimensionnelles et interdépendantes.

Agradecimentos

À Professora Doutora Cidália Duarte com quem estive em consonância, não só clubística, como do ponto de vista pessoal. Um muito obrigado pela paciência, persistência, “fé”, pela sua honestidade e pela sua tão famosa forma directa de ser.

À Teresa Vicente por, literalmente, me ter mantido vivo e por tudo o resto cuja enumeração cairia no patético literário, tão indigno de uma Tese de Mestrado Integrado.

Ao Departamento de Psicologia Médica do Hospital de São João do Porto por me ter “prendado” com o *income* financeiro (fruto do meu trabalho desenvolvido neste departamento) que me permitiu aliviar a carga monetária da totalidade de um ano de propinas, fruto da realização de uma única “cadeira” anual que praticamente não me levou a utilizar as infra-estruturas da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

À minha família, que na sua natural e compreensível preocupação com a subsistência dos seus fâmulos, me levou a empenhar (penhorar?) uns anos da minha vida neste curso.

Aos meus colegas por me terem feito viver estes anos com algum prazer...

A algum do pessoal discente por tornar este curso digno de uma vénia. Ao pessoal não discente por tornar o espaço físico respirável.

Ao Departamento de Relações Externas da FPCEU.UP por me ter proporcionado um ano de “alívio”, crescimento e introspecção “numa galáxia muito, muito longe”.

Índice

Capítulo I: Revisão Teórica	5
A. Religião	6
B. Sexualidade	15
B. 1. <i>Sexualidade e Religião</i>	15
C. Papéis de Género	19
C. 1. <i>Sexualidade e Papéis de Género</i>	22
Capítulo II: Metodologia	25
A. Objectivos do Estudo	26
B. Metodologia Qualitativa	26
C. Focus Groups	26
D. Análise de Conteúdo	27
E. Constituição dos Grupos	27
F. Escolha de Participantes Budistas	28
G. Os Participantes	28
H. A Entrevista	29
I. As Categorias	29
Capítulo III: Resultados, Discussão e Conclusões	41
A. Religião	42
B. Sexualidade	45
C. Papéis de Género	49
D. Relações entre Religião e Sexualidade	53

E. Relações entre Religião e Papéis de Género	56
F. Relações entre Sexualidade e Papéis de Género	57
G. Conclusões	59
Referências Bibliográficas	62
Anexos	

Índice de quadros

Quadro 1: Apreciação da religião, número de participantes e número de palavras codificados.

Quadro 2: Sub-sub-categorias da sub-categoria “Valência Positiva”, número de participantes e número de pavras codificados por religião dos participantes.

Quadro 3: Sub-sub-categorias da sub-categoria “Valência Negativa”, número de participantes e número de pavras codificados por religião dos participantes.

Quadro 4: Codificações (número de participantes e número de palavras) nas sub-categorias da categoria sexualidade, em função do sexo dos participantes

Quadro 5: Codificações (número de participantes e número de palavras) nas sub-categorias da categoria sexualidade, em função da religião dos participantes.

Quadro 6: Número de participantes e número de palavras codificados na categoria sexualidade, em função da religião dos participantes.

Quadro 7: Número de participantes e número de palavras codificados nas sub-categorias “Semelhanças” e “Diferenças” da categoris “Papéis de Género.

Quadro 8: Número de participantes e de palavras codificadas nas sub-sub-categorias da suc-categoria “Diferenças”, em função do sexo dos participantes.

Quadro 9: Número de participantes e de palavras codificadas nas sub-sub-categorias da sub-categoria “Diferenças”, em função da orientação religiosa dos participantes.

Quadro 10: Número de participantes e número de palavras codificados nas sub-categorias “Valência Positiva” e “Valência Negativa”, referentes às relações entre Religião e sexualidade.

Quadro 11: Número de participantes e número de palavras codificados nas sub-sub-categorias das sub-categorias “Valência Positiva” e “Valência Negativa”, referentes às relações entre Religião e sexualidade, em função da orientação religiosa dos participantes.

Quadro 12: Número de participantes e número de palavras codificados nas “Valência Positiva” e “Valência Negativa” (e respectivas sub-sub-categorias) das relações entre Religião e papéis de género, em função do sexo dos participantes.

Introdução:

O objectivo deste estudo é o de tratar questões que se relacionam com as dimensões religião, sexualidade e papéis de género. As relações entre estas variáveis serão também analisadas, não só do ponto de vista teórico, mas no plano prático. Assim, a investigação levada a cabo neste trabalho incidirá sobre estas dimensões e sobre as relações que existem entre elas.

A religião é um tema debatido nos meandros teóricos da Psicologia, mas sentimos a existência de uma escassez de investigações que se debrucem sobre as relações entre esta, o funcionamento e desenvolvimento dos papéis de género e a sexualidade. Relativamente à primeira relação (religião e papéis de género), quer-nos parecer que são praticamente inexistentes os estudos que a debatam. Já relativamente à segunda relação (religião e sexualidade), há uma maior proliferação de estudos, mas que incidem, sobretudo, em relações causais (determinada característica ou comportamento numa dimensão conduzirá a determinado comportamento ou determinada característica na outra) assentes em medidas numéricas e palpáveis (Pargament, Magyar-Russell e Murray-Swank, 2005) como, por exemplo, frequência de idas à Igreja ou número de parceiros sexuais ao longo da vida.

A nível da religião, será a religião católica (dada a maior proeminência deste credo no nosso país) a que mais será debatida. No entanto, as teologias a esta associada e os meios sociais utilizados para a sua proliferação não serão o principal tema deste estudo. Neste estudo, interessa-nos sim abordar a forma como as pessoas se relacionam com as crenças associadas a cada uma destas três dimensões e a influência (do ponto de vista emocional, cognitivo, atitudinal e comportamental) que estas podem ter nas suas vidas.

A nossa opção foi então a de nos centrarmos nos significados atribuídos a estas três dimensões e nos significados atribuídos à miríade de relações entre estas. Desta forma, optámos por escolher uma metodologia qualitativa. Foram realizados três *focus groups* com base em entrevistas semi-estruturadas (ver Anexo A).

A secção que se segue dedica-se a uma análise teórica das dimensões acima indicadas e tenta fazer uma resenha das investigações que, até à data, se dedicaram a estudar as relações entre estas.

Capítulo I

Revisão Teórica

A. Religião

Do ponto de vista meramente semântico, a palavra religião tem a sua raiz no Latim *religio* e refere-se a uma ligação (re-ligar) da humanidade a algo “mais do que humano” (Hill, Pargament, Hood, McCullough, Swyers, Larson & Zinnbauer, 2000). Ainda historicamente, existem pelo menos três designações de religião: 1. um poder supernatural com o qual os indivíduos estão comprometidos ou para o qual estão motivados; 2. um sentimento presente no indivíduo que concebe tal poder e; 3. os actos rituais levados a cabo em respeito a esse poder (Wulff, 1997 *in* Hill *et al.*, 2000).

Ao longo dos anos, vários autores têm visto a religião como um processo dotado de fenómenos psicológicos semelhantes aos que se registam noutras áreas e acontecimentos de vida. No entanto, Pargament, Magyar-Russell e Murray-Swank (2005), apontam para a religião como um factor único. Com isto, referem-se a esta como: a) uma forma única de motivação; b) uma forma única de atribuição e fonte de significado; c) um factor relacionado com a capacidade de sobrevivência e resistência dos indivíduos; d) um factor com influência na saúde dos indivíduos; e) fonte de *coping* e *stress*. Desta forma, e ainda segundo estes autores, estes dados apontam para a necessidade de: a) investigação do sagrado; b) atenção à pluralização das crenças e práticas religiosas.

Assumindo *a priori* que as pessoas são seres pro-activos na procura do que consideram ser de valor e do que consideram trazer significado às suas vidas, Pargament, Magyar-Russell e Murray-Swank (2005) assumem num artigo que a religião é “a search for signifance in ways related to the sacred” (Pargament, 1997 *cit. in* Pargamet *et al.*, 2005, p. 667). Esta procura de significado pode envolver diversos objectivos: a) paz de espírito; b) procura de um sentido para a vida; c) controlo; d) auto-desenvolvimento; e) boa saúde (Zinnbauer, Pargament & Scott, 1999). Segundo estes autores, a procura é um processo dinâmico que envolve descobrir significado, conservá-lo e transformá-lo quando necessário. Para eles, o que torna a religião distinta de outros processos humanos é o envolvimento do sagrado nesta procura de significado.

Os trabalhos seminais na investigação da religião (na área da Psicologia) apontaram para a procura dos motivos subjacentes à existência (e subsistência) da mesma. Freud (1927, 1961 *in* Pargament *et al.*, 2005) afirmava que as crenças religiosas eram exemplos de ilusões, mecanismos psicológicos designados a dissipar ansiedades profundas e a satisfazer desejos infantis. Já Durkheim (1915 *in* Pargament *et al.*, 2005), olhando para a religião por um outro prisma, mais sociológico, apresentava a religião como uma expressão de necessidades sociais

básicas, providenciando aos seus membros uma representação da sociedade em que vivem.

Nestas duas leituras contemporâneas, podemos, simultaneamente, observar uma centralidade da génese da religião (no caso da primeira) e dos seus “meios de subsistência” (no caso da segunda). No entanto, a segunda, se bem que interessante e útil, ao salientar a importância das necessidades sociais do ser humano, não vai ao encontro de investigações mais actuais acerca do declínio ou manutenção de práticas religiosas e fé em alguns sectores da população (p.e. Yip, 2002; Uecker, Regenerus & Vaaler, 2007). Ou seja, enquanto que em 1915, Durkheim (*in* Pargament *et al.*, 2005) considerava que a religião seria um meio de satisfação de necessidades sociais comuns a todos os seres humanos, hoje em dia deparamo-nos com estudos que têm como base, precisamente, a insatisfação de necessidades como a da aceitação por parte da comunidade em que se está inserido.

Estas investigações mais recentes apontam, precisamente, para declínios de frequência de idas à Igreja ou de fé em populações como os homossexuais, os estudantes universitários ou as pessoas em co-habitação; para além de também nos proporcionarem um olhar sobre os processos que podem conduzir os jovens e jovens adultos à santificação do sexo (por santificação, no caso, entende-se a atribuição de características do sagrado) (Pargament *et al.*, 2005).

Esta relação causal (determinada característica conduz a menor religiosidade) encontra-se também invertida noutras investigações da actualidade, ou seja, muitas vezes, a maior ou menor religiosidade de certos indivíduos pode levar a menos ou mais frequentes comportamentos ditos desviantes (consumo de álcool e drogas, relações sexuais esporádicas, por exemplo) (Barkan, 2006).

Estas duas leituras, tal como outras mais contemporâneas, fogem à evidente necessidade de conceitos teóricos específicos (Pargament *et al.*, 2005).

Segundo Hill, Pargament, Hood, McCullough, Swyers, Larson e Zinnbauer (2000), durante o século XX, assistiu-se a um inicial surto de alongados estudos sobre a religião (levados a cabo por autores notáveis como James e Hall), a um posterior declínio, bastante pronunciado por sinal, do estudo desta matéria durante a áurea do Comportamentalismo, para que hoje se tenha reiniciado de forma tímida esse estudo.

No entanto, outras perspectivas foram surgindo no panorama teórico concernente a religião. Zinnbauer, Pargament e Scott (1999) fazem uma exposição de perspectivas de diferentes autores que contrastam diferentes tipos de fé e formas de estar relativamente à

religião.

Fromm (1950) estabeleceu uma distinção entre uma religião autoritária, empobrecida e baseada na obediência, e uma religião auto-actualizada, humanista e capaz de favorecer a força e a auto-realização dos indivíduos.

Por sua vez, Allport (1966) defendia a existência de uma forma superior e uma forma inferior de fé. Na primeira, chamada religião intrínseca, as pessoas vivem a religião e vêem a fé como um valor em si mesmo. Na segunda, chamada religião extrínseca, as pessoas utilizam a religião de uma forma meramente utilitária, de forma a encontrarem segurança, estatuto social ou de forma a atingirem outros objectivos não religiosos.

O contraste entre religião com compromisso e religião consensual é feito por Allen e Spilka (1967). A primeira era descrita como uma perspectiva abstracta, filosófica, aberta e flexível. A segunda era descrita como uma perspectiva vaga, não diferenciada e de conveniência.

Por fim, Hunt (1972) analisou as crenças religiosas em função da sua profundidade. A religião literal interpretaria as afirmações religiosas como tendo um valor literal; a religião anti-literal, pura e simplesmente, rejeitaria as afirmações religiosas; e a religião mitológica reinterpretaria as afirmações religiosas procurando os seus significados simbólicos mais profundos.

Essencialmente, onde encontrámos mais dificuldades em compilar bibliografia foi na intersecção das diferentes variáveis do nosso estudo. Ou seja, foi-nos difícil encontrar (tal como referido no parágrafo introdutório desta secção) investigações que se debruçassem sobre as relações entre religião e sexualidade, religião e papéis de género e papéis de género e sexualidade.

Actualmente, uma das linhas de investigação que tem sido seguida é a da relação dos seres humanos com Deus, tendo em conta a possibilidade dos primeiros estabelecerem com o Segundo uma autêntica relação, com paralelismos com as relações entre dois seres humanos.

Segundo Rice (1999) o estado de perfeita felicidade - que é padronizado a partir da segurança e alegria experienciadas nos protectores braços maternos e paternos, bem como nos seus ilimitados cuidado e devoção - pensa-se ser obténivel apenas a partir do estabelecimento, na idade adulta, de uma relação idêntica com um semelhante, seja ele imediata e fisicamente presente (tal como com um cônjuge, um amante ou um amigo), seja ele não tangível. Se tal

figura paralela não está presente ou é inadequada, então, há uma tentativa de alcance de uma figura transcendental e invisível, ou seja, uma entidade supernatural chamada Deus. Esta necessidade existe desde que existe o ser humano e prevalecerá, tanto quanto o que se conhece acerca da existência humana. Quer-nos parecer que esta recorrência a uma figura transcendental não acontece apenas em caso de ausência ou inadequação de uma figura tangível, crítica que não retira interesse à reflexão deste autor.

Segundo autores de tendência psicanalítica (Rice, 1999; Dias & Fontaine, 2001), a adolescência, período de grande desenvolvimento emocional e cognitivo, é marcada por tentativas, com graus variáveis de sucesso e insucesso, de desengrenagem de objectos parentais primários e de solidificação de um sentido de identidade, em termos tanto de auto-imagem como de sexualidade. Algumas das funções da religião formal e institucionalizada são as de dar corpo a este processo emergente (através dos tais “semelhantes” às figuras parentais, sejam eles reais ou fantasiados, tangíveis ou transcendentais) e de facilitar, na idade adulta, este processo de separação-individuação (Rice, 1999). Segundo Rice (1999), a religião também permite o controlo de *drives* instintivas (“*instinctual drives*”).

Se esta necessidade de repetição (na idade adulta) das ligações afectivas e securizantes com os pais sempre esteve e, em princípio, sempre estará presente durante o curso de evolução da espécie humana, será de supor que - jogando aqui a religião um papel conciso nesta tarefa, e reportando-se a crença religiosa aos primórdios das sociedades humanas - os princípios religiosos, por servirem de moldes organizadores e orientadores da acção humana sirvam também dois princípios: o da sobrevivência da espécie (McCullough *et al.* 2000 *in* Rowatt & Schmitt, 2003) e o da reprodução (Wulf *et al.* 1984 *in* Rowatt & Schmitt, 2003).

Kirkpatrick (1994) sugere que muitos aspectos da religião podem também ser vistos como manifestações de processos de vinculação. O autor salienta que uma das mais importantes funções psicológicas da religião é a de providenciar sentimentos de segurança e que as crenças religiosas estão associadas a experiências em relações próximas (principalmente com os pais). Mais, a relação entre Deus e o seu adorador, ou vice-versa, é tão paralela à da relação criança-figura parental como são as relações românticas na idade adulta. Já a este propósito, Freud (1961 *in* Kirkpatrick, 1994) referia-se a Deus como uma figura paterna e à religião como providenciadora de sentimentos de segurança e protecção de um Mundo assustador. Ainda nesta linha, Wenegrat (1989 *in* Kirkpatrick, 1994) apresenta a Virgem Maria como tendo um papel maternal complementar ao paternal de Deus, sugerido por Freud.

As diferenças, no que toca a relação com Deus, apontam então noutros sentidos. Por exemplo - para além das óbvias diferenças no que toca a proximidade física - enquanto que na maioria das relações românticas adultas parece haver uma maior simetria em que, alternadamente, os membros do par romântico desempenham o papel de figura de vinculação do outro, Deus é normalmente visto como um Outro mais forte e mais sábio, sendo os papéis de vinculado e de figura de vinculação bem mais diferenciados do que nas relações românticas (Kirkpatrick, 1994).

Ainsworth (1985 *in* Kirkpatrick, 1994) apontou cinco características que distinguiriam as relações de vinculação das outras relações: a) procura de proximidade por parte do vinculado (principalmente quando assustado ou alarmado); b) a figura de vinculação providencia cuidado e protecção (função porto de abrigo), bem como c) sensações de segurança (função base segura); d) a ameaça de separação causa ansiedade e e) a perda real da figura de vinculação causará sofrimento psicológico e luto. A partir destas cinco características distintivas, Kirkpatrick (1994) estabeleceu um paralelo com a relação com Deus e a religião. Desta forma:

a) Procura de proximidade: a reza e outros rituais (como, por exemplo, os Mantras no Budismo) serão os exemplos mais claro de um comportamento de vinculação direccionado para Deus (Reed, 1978 *in* Kirkpatrick, 1994). A estes comportamentos poderemos comparar os comportamentos de procura de proximidade que se encontram não só nos relações entre filhos e pais, como nas relações amorosas. Para além disto, a maior parte das religiões põe à disposição dos seus crentes locais de culto e imagens que a representam de forma tangível, dando-lhe um lado corpóreo.

b) Porto de abrigo: Deus pode desempenhar o papel de figura de vinculação tão bem ou melhor do que um ser humano, aliás, a relação com Deus apresenta a vantagem de esta figura estar constantemente presente, ser onnipresente e onnipotente. A este propósito, Kirkpatrick (1992 *in* Kirkpatrick, 1994) refere que as conversões (a determinada religião) e as recorrências à religião são mais comuns em tempos de crise e/ou stress emocional. Para além disto, Argyle e Beit-Hallahmi (1975 *in* Kirkpatrick, 1994) sublinham o facto de as pessoas recorrerem a tipos específicos de rituais religiosos, em vez de recorrerem à igreja como espaço físico propriamente dito, em momentos deste tipo. Isto faz-nos pensar que, efectivamente, poderá haver uma relação particular de cada um com Deus (ou outra deidade) e que essa relação seja construída internamente à medida das necessidades de apoio e segurança (ou outras) que vão surgindo em momentos diferentes do ciclo de vida.

c) Base segura: a relação com Deus providencia, tal como noutras relações de vinculação, sentimentos de força, auto-confiança e paz que facilitam o encarar do dia-a-dia (Kirkpatrick, 1994). A investigação na área sugere-nos que existem benefícios psicológicos e físicos na crença em Deus (ou outra figura transcendental superior): o compromisso religioso parece correlacionar-se negativamente com a ansiedade (Baker & Gorsuch, 1982 *in* Kirkpatrick, 1994); a crença numa deidade cuidadora e amante correlaciona-se positivamente com a auto-estima (Benson & Spika, 1973 *in* Kirkpatrick, 1994);

d e e) Perda e separação: aqui existe um pormenor interessante da relação com Deus e que se prende com o facto de esta figura (para além de estar constantemente presente, que já referimos acima na alínea b) não poder, em teoria, desaparecer ou morrer, sendo, portanto, uma figura constantemente presente e de confiança praticamente absoluta (Kirkpatrick, 1994). No entanto, existem três circunstâncias de vida em que tal pode acontecer: 1) no julgamento pós-morte (existente em apenas algumas religiões) em que a pessoa ou estará eternamente na presença de Deus ou eternamente na sua ausência; 2) no caso da pessoa ser excomungada da sua Igreja e 3) no caso de se deixar de acreditar em Deus. No primeiro caso, o não estar na companhia de Deus na eternidade é a essência da imagem de Inferno; nos segundo e terceiro casos há registos de reacções emocionais análogas (como a ansiedade de separação) às que se registam em casos de lutos reais e simbólicos (Wright, 1987 *in* Kirkpatrick, 1994).

Numa oposição crítica à perspectiva de vinculação a Deus exposta por Kirkpatrick (1994) e outros autores, Miner (2007), continuando a salientar a existência duma relação com Deus, expõe as fragilidades desta perspectiva salientando a possibilidade de um certo reducionismo e sublinhando que não há uma relação directa com Deus, mas há, no máximo, actividade humana respeitante às representações de Deus. Segundo este autor, a formação de uma relação com Deus será então marcada por sequências de processos psicológicos dotados de uma maior complexidade do que os acima referidos.

Miner (2007) começa por trazer à tona a questão óbvia de se existe uma relação directa e objectiva com Deus ou se, pelo contrário, esta relação é meramente subjectiva. Na procura duma resolução para esta questão, o autor faz referência à teologia de Gunton (2002). Este último, defende que podemos conhecer Deus de forma objectiva, mas existem condições e limites a este conhecimento: não O podemos ver, mas podemos-Lo conhecer através das Suas actividades no Mundo, ou seja, conhecemo-Lo através do filho (Jesus Cristo) e do Seu espírito (Espírito Santo). Esta é uma teologia trinitária (três dimensões ou entidades: Pai, Filho e Espírito Santo) em que o autor sublinha o conhecimento de Deus pela sua entrada no

Mundo terreno através do seu filho e da consequente transformação das relações humanas; isto também terá aberto portas ao conhecimento intelectual de que Deus é amor e espírito. Foi esta particularidade da religião Católica que aproximou a imagem de Deus daquilo que ela não pode ser, uma imagem humana.

Fica bem patente na teologia de Gunton (2002 *in* Miner, 2007) que esta trilogia de dimensões caracteriza Deus aos olhos dos mortais e lhes traz conhecimento deste através não só dos mitos bíblicos, como da obra de Jesus Cristo e também da interpretação humana destes dados. Por sua vez, a dinâmica entre as componentes da Divina Trindade deixa latente a imagem de um Deus eminentemente relacional em que o espírito é a sua essencial substância e o elemento, simultaneamente, de distinção e união entre Pai e Filho. É aqui que reside, para Gunton (1993 *in* Miner, 2007), o Deus relacional que transmite a ideia de que o Mundo é constituído por particulares unidos em relação, ou seja, Pai e Filho unidos pelo Espírito Santo.

O que esta teologia trinitária elaborada por Gunton e defendida por Miner (2007) vem somar à perspectiva de Kirkpatrick é o sentido de real conhecimento de Deus, em vez de um mero símbolo ou construção humana. Desta forma, Miner (2007) defende que as origens da relação com Deus podem ser vistas não como uma projecção ou generalização da vinculação aos pais, mas como uma consequência da unidade humana entre corpo, mente e espírito.

O autor leva mais adiante as suas afirmações, sublinhando que “*We relate to others because we are capable of relating to God by being made in the image of God (...)*” (p. 119).

Consideramos esta última posição de Miner extremada e até desadequada, pois não parece minimamente adequada a credos ateus como o Budista e uma reflexão sobre as origens da humanidade - e as suas necessidades de convivência como forma de subsistência (anteriores à existência de quaisquer tipos de crenças) - ou até das bases biológicas do sistema comportamental de vinculação seria suficiente para a refutar.

Por fim, e infelizmente de forma um pouco genérica, Miner (2007) sublinha um desenvolvimento paralelo das vinculações aos pais e a Deus: de maior dependência nos primeiros anos de vida para maior equidade e reciprocidade em estádios mais tardios.

Acreditamos que, de facto, parece existir com Deus (outras deidades ou figuras mitológicas) uma relação que, sendo baseada em princípios obrigatoriamente diferentes, apresenta analogias com as relações humanas e particularidades muito próprias que se prendem não só com as imagens de Deus socialmente difundidas, mas também com imagens construídas pelo próprio. Para além disto, será de supor a existência de processos de

internalização da figura divina paralelos aos de internalização das figuras parentais.

Um outro fenómeno bastante estudado é o dos declínios da religiosidade em determinadas demografias.

Quanto a este declínio da religiosidade no início da idade adulta (entre os 18 e os 25 anos de idade), Uecker, Regenerus e Vaaler (2007) salientam como factores sociais fundamentais, diferentes variáveis: acontecimentos de vida significativos (casamento e estatuto parental), educação de nível superior, desvio normativo (comportamentos divergentes das normas sociais) e dissonância cognitiva. Por outro lado, a religião tem um impacto maior na adolescência devido a este momento de vida ser marcado por uma maior impressionabilidade (Tittle & Welch, 1983 *in* Barkan, 2006), enquanto que, ao mesmo tempo, os adolescentes poderão exagerar a influência da religião nas suas vidas, pois a sua religiosidade poderá reflectir a vinculação aos pais e desejos parentais (Welch, Tittle & Pete, 1991 *in* Barkan, 2006).

Muito embora diferentes autores salientem a variável educação de nível superior como uma das responsáveis por este declínio (Caplovitz & Sherrow, 1977; Cherkat, 1998 *in* Uecker *et al.*, 2007), no estudo de Uecker, Regenerus e Vaaler (2007) com jovens adultos residentes nos Estados Unidos da América, esta variável aparece como menos saliente. A isto, os autores associam um menor enfoque da introspecção desta população no que ao tema religião diz respeito, associando tal factor com a maior preocupação da população universitária com outros temas das suas vidas. Tal equilibraria uma eventual maior complexidade cognitiva e abertura da população universitária com uma maior disponibilidade de reflexão acerca destas matérias por parte da população não universitária.

No entanto, de maior pertinência parece ser a referência ao desvio normativo e à dissonância cognitiva. Estes são utilizados como explicação dos níveis inferiores de religiosidade e frequência de participação em actividades religiosas nos jovens adultos. Sexo não marital (Zaleski & Schiaffino, 2000 *in* Uecker *et al.*, 2007), consumo frequente de álcool (Perkins *in* Uecker *et al.*, 2007) e uso de marijuana (Engs & Mullen, 1999 *in* Uecker *et al.*, 2007) são factores que aparecem associados a estes níveis mais baixos, pois são comportamentos em discordância com os ensinamentos, expectativas e tradições religiosas das sociedades ocidentais.

O hiato entre o que se está a fazer e o que se deveria fazer pode, nos jovens adultos, criar dissonância cognitiva que, por sua vez, os pode conduzir a um afastamento das

organizações religiosas e a uma atribuição de menor importância à religião (Uecker *et al.*, 2007). No entanto, os efeitos são mais evidentes na frequência de procura de serviços religiosos, pois esta é uma medida “pública” de religiosidade que requer constantes tomadas de decisão e exposição dos indivíduos aos ensinamentos religiosos. Esta dissonância cognitiva só ocorrerá quando um indivíduo estiver familiarizado com os ensinamentos religiosos.

Medidas menos objectivas e mais privadas de religiosidade como os auto-relatos da importância da religião na vida do próprio e desafiliação não são tão afectadas por estes factores.

A variável co-habitação, por seu lado, aparece associada tanto ao decréscimo de práticas religiosas e de frequência de instituições religiosas como à desafiliação e aos auto-relatos acerca da importância da religião na vida do próprio (Thornton, Axinn & Hill, 1992; Stolzenberg, Blair-Loy & Waite, 1995 *in* Uecker *et al.*, 2007), ou seja, tanto a medidas mais objectivas e palpáveis como a medidas menos objectivas e mais privadas. Desta forma, os autores aplicam aqui também a explicação da dissonância cognitiva ao referirem-se a um lado público da co-habitação (enquanto que, por exemplo, as relações sexuais são de cariz meramente privado). Ou seja, enquanto que a co-habitação, por ser comportamento visível socialmente e que não vai ao encontro das ideologias e crenças transmitidas pela religião, tem um efeito directo sobre os níveis de frequência religiosa e sobre os auto-relatos da importância da religião para o próprio, as relações sexuais, por serem constituídas de comportamentos privados e não visíveis socialmente, tem uma menor influência sobre os decréscimos nestes índices.

Por fim, o casamento é uma variável que parece ter uma relação inversa com o declínio da religiosidade que, segundo Uecker, Regenerus e Vaaler (2007), se relacionará com o compromisso, ou seja: jovens adultos casados estão mais dispostos a assumir compromissos que, não se manifestando apenas ao nível do casamento, se manifestam também ao nível do compromisso e afiliação religiosos.

Também há que referir que Barkan (2006) fala da possibilidade de existência de uma associação invertida entre religiosidade e diversos tipos de comportamentos desviantes (incluindo o sexual). É também levantada uma hipótese de existência de uma razão cognitiva que se prende não com a dissonância cognitiva, mas com a crença de que o sexo antes do casamento é errado (Barkan, 2006).

B. Sexualidade

É um tema de interesse central em algumas das perspectivas teóricas em Psicologia e tem sido largamente estudado, desde por perspectivas mais anatomo-fisiológicas, a perspectivas psicodinâmicas. Considera-se que a sexualidade é uma componente da personalidade e uma parte integrante das nossas vidas, especialmente nas relações amorosas (Hazan & Zeifman, 1994).

Considera-se que as dinâmicas dos processos de vinculação, bem como os funcionamentos e as funções das relações de vinculação são essencialmente os mesmos na infância e na idade adulta. O que diferencia estas duas etapas de vida são: a) as crescentes reciprocidade, equidade e mutualidade destas relações, ou seja, duma maior assimetria na infância para uma maior simetria na idade adulta; b) na idade adulta as relações de vinculação recíproca são estabelecidas, essencialmente, com parceiros sexuais. Desta forma, o sexo passa a ser uma parte integrante da vinculação na idade adulta e as relações passam a integrar três sistemas comportamentais: vinculação, prestação de cuidados e relações sexuais/acasalamento (Bowlby, 1969; Shaver & Bradshaw, 1988 *in* Hazan & Zeifman, 1994). O parceiro sexual passa então a assumir a primeira posição na hierarquia de vinculação.

Do ponto de vista desenvolvimental, as relações com pares na adolescência, caracterizadas como relações de afiliação, representam uma clivagem nas funções das relações: o adolescente passa a ser providenciado com estimulação e prazer, em vez do conforto e segurança providenciados pelas relações de vinculação. Estas relações, que são progressivamente as substitutas das sensações de protecção, segurança e carinho providenciados pelos pais, acabam, por vezes, por dar origem a contactos sexuais (Suomi, 1990 *in* Hazan & Zeifman, 1994).

B. 1. Sexualidade e religião

Não são muitos os estudos que se debruçam sobre a análise das relações entre a religião, as atitudes relativamente à sexualidade (e ao sexo) e às experiências sexuais (Murray, Ciarrocchi & Murray-Swank, 2007).

Segundo Nelson (1987 *in* Murray-Swank, Pargament & Mahoney, 2005), esta relação, na cultura ocidental, é caracterizada por três períodos distintos com uma evolução cronológica. O primeiro período é caracterizado por uma incorporação da sexualidade nos mitos e rituais religiosos. No segundo período, por sua vez, o sagrado foi ganhando um cariz cada vez mais transcendental enquanto que a sexualidade foi separada dos mitos e confinada a

uma menor parte da ordem terrestre (procriação dentro do casamento institucionalizado). Por fim, no terceiro período houve uma clivagem relativamente ao dualismo sexual (para o qual o espírito é superior, ao contrário do corpo e dos seus impulsos carnis) e o corpo terá passado a ser visto como uma prenda de Deus e a sexualidade como uma forma de a desfrutar.

Considera-se que esta revolução de mentalidades que ocorreu durante o terceiro período ainda esteja a decorrer e Murray-Swank *et al.* (2005) salientam que as décadas de 80 e 90 terão sido as maiores responsáveis por estas mudanças. Desta forma, estes autores salientam que as teologias modernas ter-se-ão expandido de forma a incorporar as relações sexuais no contexto de relações não maritais de amor (Murstein & Holden, 1979; Roche, 1986; Sawyer & Smith, 1996; Westera & Bennet, 1994; Wilson & Medora, 1990 *in* Murray-Swank *et al.*, 2005).

As atitudes relativamente à sexualidade (em relação com a religiosidade) mudaram ao longo do tempo (Murray- Swank *et al.*, 2005), têm vindo a mudar e mudarão. Ainda, as instituições religiosas têm vindo a adequar o seu discurso a estas mudanças e/ou vice versa.

Independentemente destas mudanças, existem diferentes teologias, muitas delas contraditórias entre si, concernentes as dimensões espírito e corpo, teologias estas que vão sendo transmitidas não só pelos meios de comunicação utilizados directamente pelas Igrejas (educação religiosa, programas televisivos, etc.), mas também por outros agentes sociais (pais, professores, pares) que estão eles próprios imbuídos de determinadas crenças transmitidas de forma milenar. Desta forma, a religião é uma das muitas forças de socialização responsáveis pela internalização de normas morais e de comportamento (Barkan, 2006).

Uma destas teologias a que o parágrafo anterior se refere é a do dualismo sexual em que “the soul is good, the body is evil” (Davison & Moore, 1994, p.179 *in* Murray- Swank *et al.*, 2005). O que poderemos retirar deste dualismo? Talvez que a sexualidade seja vista como um impulso corporal e que, portanto, requer conveniente controlo (Murray- Swank *et al.*, 2005). Já em 1973, Langston assumia que “It is commonly assumed that religion generally induces guilt and reinforces behavioral restraint.” (p. 471 *cit in* Murray- Swank *et al.*, 2005). Murray-Swank *et al.* (2005) vão mais longe ainda - baseando-se nas afirmações de Davidson, Darling e Norton (1995 *in* Murray- Swank *et al.*, 2005) de que as nossas perspectivas sociais acerca da sexualidade continuam dominadas pelo ponto de vista da Igreja católica de restrição dos prazeres carnis e evitamento dos prazeres sexuais - ao afirmarem que, segundo esta teologia, a religiosidade inibe a expressão da sexualidade, principalmente quando fora de relações conjugais.

Uma visão alternativa a esta pode também ser encontrada, com vários autores a salientarem os aspectos positivos que a relação com a religião pode trazer para a vivência da sexualidade e a contemplarem também a complementaridade destes dois conceitos. Por exemplo, Nelson (1987 *in* Murray- Swank *et al.*, 2005) descreve os desejos de união da sexualidade com experiências do sagrado e Murray- Swank *et al.* (2005) dão vários exemplos, em diversas religiões, de teologias que enaltecem a experiência sexual como forma de contacto com e aproximação ao divino.

Temos assim, pelo menos, duas formas bastante opostas, dentro das crenças religiosas transmitidas, de abordar a questão dos universos corpo (sexualidade) e o divino (religiosidade).

Apesar da escassez de investigações que se debrucem sobre as relações entre a religião e a sexualidade, existem alguns estudos que o fazem, muito embora o seu foco principal sejam medidas directas e palpáveis como, por exemplo, a frequência de contactos sexuais ou a frequência de idas à igreja, de rituais e afiliação religiosa (Murray- Swank *et al.*, 2005).

Sendo a religião uma das forças sociais responsáveis pela internalização de normas e comportamentos morais, das pessoas mais envolvidas em actividades religiosas espera-se um menor envolvimento em comportamentos ditos desviantes (Barkan, 2006) - incluindo-se aqui os comportamentos sexuais de risco. Haverá vários motivos pelos quais isto sucede: receio de punição divina no caso de incumprimento, procura de retribuição divina no caso de cumprimento das normas e reforço positivo no seio da comunidade religiosa à qual se pertence (Barkan, 2006). Neste último caso, algumas das consequências palpáveis de uma possível não obediência a estas normas poderão ser a vergonha e o embaraço perante as pessoas de determinada comunidade;

Neste sentido, várias meta-análises e análises longitudinais recentes demonstram a existência da relação entre religiosidade e menor grau de comportamentos desviantes (Baier & Wright, 2001; Johnson, Jang, Larson & Li, 2001 *in* Barkan, 2006);

Casais que rezam juntos apresentam maiores índices de satisfação sexual (Greely, Michael & Smith, 1990 *in* Yarhouse, 2005) e as mulheres com maior afiliação religiosa apresentam maior probabilidade de orgasmos (Laumann, Gagnon, Michael & Michaels, 1994 *in* Yarhouse, 2005).

Num estudo de Murray- Swank *et al.*, (2005) sobre a santificação do sexo por parte de estudantes universitários, torna-se clara a existência duma relação entre estas duas variáveis

que, como se poderá ver pela análise dos seus resultados poderá ultrapassar os índices globais e directamente observáveis. Assim, os estudantes universitários que percepcionavam o sexo como tendo características sagradas experienciavam maior satisfação sexual no contexto das suas relações amorosas actuais. Da mesma forma, maiores crenças de que Deus faz parte da relação sexual no contexto das relações amorosas apareceu relacionado com mais reacções afectivas positivas ao contacto sexual.

Para além disto, quanto mais os participantes percepcionavam o contacto sexual em relações de amor, mas não maritais, como tendo características sagradas, maior a probabilidade de já terem praticado este tipo de contacto sexual. Uma maior atribuição de qualidades sagradas aos contactos sexuais apareceu relacionada com uma maior abrangência e frequência de relacionamentos sexuais anteriores, maior frequência de actividade sexual e maior número de parceiros sexuais ao longo da vida.

Por fim, a religiosidade (vista aqui como frequência de idas à igreja, de rituais e de *self-reported* religiosidade e espiritualidade) apareceu relacionada positivamente com menor frequência de actividade sexual.

Os primeiros e segundos dados (mais características sagradas atribuídas ao sexo, maior satisfação sexual; e crenças de que Deus faz parte da relação sexual, mais reacções afectivas positivas ao sexo) deste estudo de Murray-Swank *et al.* (2005) iam ao encontro do esperado pelos autores. Já os terceiros e quartos dados (maior atribuição de características sagradas ao sexo, maior probabilidade de ocorrência anterior de contactos sexuais em relações de amor, mas não maritais; e maior atribuição de qualidades sagradas ao sexo, maior abrangência e frequência de relacionamentos sexuais anteriores, maior frequência de actividade sexual e maior número de parceiros sexuais ao longo da vida), não são consonantes com os quintos dados (maior religiosidade, menor frequência de actividade sexual). Enquanto que, por um lado, a santificação do sexo ou o estabelecimento de uma ligação entre este e Deus estavam relacionados com maior satisfação sexual e com maior variabilidade de tipologias de contacto sexual (fora contexto de casamento, maior número de parceiros sexuais), por outro lado, uma maior religiosidade aparecia relacionada com menor frequência de contactos sexuais, menor número de parceiros sexuais ao longo da vida e menor frequência de contacto sexual antes do casamento. Surge aqui um pequeno paradoxo que os autores explicam através da inexistência de uma relação directa entre santificação do sexo e religiosidade. Segundo Murray-Swank *et al.* (2005), a inexistência desta relação deverá reflectir o efeito de forças contrárias de teologias opostas. No entanto, levantamos ainda uma

outra reflexão (complementar à dos autores) sobre este paradoxo: se os indivíduos que atribuem mais características sagradas ao sexo não são, necessariamente, os mais religiosos (que mais frequentam a igreja), então, as ideologias transmitidas pelas religiões (em particular, a católica) não são tão apologistas da teologia da complementaridade entre sexo e religião como serão as ideologias que nos aparecem socialmente disponíveis (fora contexto de contacto directo com instituições religiosas).

Apesar do interesse dos dados deste estudo, parece-nos necessária uma continuação e um aprofundamento destas matérias.

C. Papéis de género

Género pode ser definido, segundo Burr (1998 *in* Alves, 2006) como o significado socialmente atribuído ao sexo, biologicamente determinado, e que envolve um conjunto de características e comportamentos diferencialmente associados e esperados pelos membros de uma sociedade. Papel sexual, por sua vez, pode ser considerado como “um conjunto de normas, expectativas e características de comportamentos considerados como socialmente adequados à pertença a um determinado grupo de sexo” (Burr, 1998 *in* Alves, 2006 p. 29). Por último, os estereótipos sociais servem não só funções descritivas como têm o objectivo de definir o que é e o que não é socialmente expectável do ponto de vista comportamental e atitudinal dos membros dessa mesma sociedade (Deaux & Kite, 1989 *in* Alves, 2006).

Ao longo dos últimos anos, tal como salientado por Deaux ainda em 1985, vários estudos têm vindo a fazer referência a alterações nas atitudes em relação aos papéis das mulheres e, em menor grau, aos dos homens. As atitudes e percepções mais tradicionais relativas aos papéis de género são mais intensamente detectadas em populações idosas, menos educadas, com menor *income* financeiro e com maior frequência de instituições religiosas (Deaux, 1985). Estas alterações relativas às percepções dos papéis diferenciados de homens e mulheres na sociedade é atribuível a diferentes factores, de entre os quais o da influência dos movimentos feministas.

Panculturalmente, a maior evidência das diferenças de percepções quanto aos papéis de género e atributos de género, surge com a associação de traços de instrumentalidade aos homens e de traços de expressividade às mulheres (Deaux, 1985; Ribeiro, 2006). Estas duas dimensões, a da instrumentalidade e da expressividade, acabam por ser transversais à maior parte da literatura acerca desta matéria e apresentam um viés (Good, Sherrod & Dillon, 2000; Hoffman, Borders & Hattie, 2000; Kimmel, 2000 *in* Hoffmann, Hattie & Borders, 2005) que

se prende com o facto de as próprias crenças e concepções dos psicólogos influenciarem o desenvolvimento das investigações. A este propósito, Deaux (1985) salienta que: “experimentally, one can negate the influence of gender label by providing information that is closely linked to the judgment being requested, thus suggesting that the influence of stereotypic beliefs is quite weak” (p. 68). Também Joaquim (1987 *in* Alves, 2006) salienta que as mulheres têm sido “excluídas da reflexão e da construção do conhecimento acerca da sua própria feminilidade” e Hare-Mustin e Marcek (1990 *in* Alves, 2006) apontam a existência de uma maior valorização (na literatura e a nível da investigação) das diferenças, e não tanto das semelhanças entre géneros. Estes dois últimos autores ainda salientam a adopção de características masculinas como sendo a norma e de características femininas como sendo desvio. Os autores Oliveira e Amâncio propõem que “a biologização do género deve ser antes encarada como resultado de uma ideologia social e culturalmente construída que legitima e naturaliza uma determinada ordem social que limita a feminilidade ao espaço privado e que se reflecte nas dimensões afectivas do desejo” (2002, *cit in* Alves, 2006 p. 27).

É de críticas desta tipologia que um dos instrumentos mais utilizados na investigação acerca de papéis de género tem também sido alvo. Este instrumento, o *Bem Sex Role Inventory* (Bem, 1974), foi desenvolvido com o intuito de possibilitar o enquadramento de sujeitos em quatro diferentes tipologias de género: masculinos, femininos, andróginos e indiferenciados.

As duas dimensões, acima referidas, de instrumentalidade (asserividade e auto-promoção) e expressividade (maior orientação para as relações inter-pessoais, maior auto-revelação e altruísmo), terão conduzido Spence e Helmreich (1978 *in* Ribeiro, 2006) à conceptualização teórica de quatro categorias de papel sexual: feminino, masculino, andrógino e indiferenciado. A primeira teria reduzidos valores de instrumentalidade e altos valores de expressividade, a segunda teria valores inversos aos da primeira; as pessoas andróginas teriam altos níveis de masculinidade e feminilidade; os sujeitos indiferenciados teriam baixos níveis de ambas dimensões. A partir desta tipologia, variados estudos têm tentado intercalar estas com outras dimensões e constructos estudados em Psicologia com os padrões de vinculação, a sexualidade e a intimidade. Aqui, à dimensão de expressividade tem sido associado uma maior auto-revelação e partilha - componentes considerados importantes nas relações de intimidade (Hook, Gerstin, Detterich & Reidley, 2003) - e à dimensão de instrumentalidade tem sido associada uma maior atenção para com os objectivos e tarefas.

No seguimento dos trabalhos de Bem acerca das tipologias de papéis de género e da dicotomia masculino-feminino (em que a primeira valência é essencialmente caracterizada

pela dimensão de instrumentalidade e a segunda pela dimensão de expressividade), outros autores têm debruçado esforços sobre os conceitos de masculinidade e feminilidade. Por exemplo, Spence (1985 *in* Hoffman *et. al.*, 2005) sublinha o facto de existir uma grande quantidade de factores envolvidos nos sentimentos pessoais de feminilidade das mulheres e masculinidade dos homens. Dentro desta linha de raciocínio, Hoffman (2001 *in* Hoffman & Borders, 2005) defende que existem, de facto, diferentes conceitos pessoais e culturais de feminilidade e masculinidade, que contribuem para a identidade do indivíduo enquanto homem ou enquanto mulher.

Aliás, foi nesta tentativa de desconstrução deste instrumento e no seguimento das críticas acima referidas, que alguns autores salientaram que apenas os itens *masculine* e *feminine* do *Bem Sex Role Inventory* (Bem, 1974) eram avaliados pelos participantes como masculinos e femininos (Ballard-Reisch & Elton, 1992; Hoffman & Borders, 2001 *in* Hoffman *et. al.*, 2005).

Ainda alargando este discurso, Kimmel (2000 *in* Hoffman *et. al.*, 2005) critica a atribuição de determinadas características como sendo masculinas (competência, ambição e assertividade) ou femininas (amor, ternura e carinho) quando, na sua opinião, elas são profundamente humanas e tanto homens como mulheres são capazes de as demonstrar no seu leque de sentimentos. Este autor reconhece a depreciação das qualidades tradicionalmente femininas e dá o exemplo de conceptualizar a sua masculinidade como integradora da experiência de cuidar do seu filho.

Importará então referir três constructos que se relacionam com estas temáticas. São eles: auto-confiança de género (*gender self-confidence*), auto-definição de género (*gender self-definition*) e auto-aceitação de género (*gender self-acceptance*). O primeiro é conceptualizado por Hoffman (1996 *in* Hoffman *et. al.*, 2005) como um aspecto crítico do auto-conceito de género (*gender self-concept*) de um indivíduo e é definido como sendo a intensidade da crença de uma pessoa acerca de ir ou não ao encontro dos seus parâmetros pessoais de masculinidade e feminilidade. O segundo refere-se ao peso que a definição da masculinidade ou feminilidade do próprio tem sobre a sua identidade (indivíduos com auto-definição de género muito forte atribuem grande importância à sua masculinidade ou feminilidade). Por fim, o terceiro e último, diz respeito ao conforto sentido relativamente a pertencer ao seu género (os sujeitos com forte auto-aceitação de género têm visões positivas de si próprios como machos ou fêmeas, mas não consideram necessariamente o seu género como uma forte componente das suas identidades).

C. 1. *Sexualidade e papéis de género*

Se antes dos anos 60, existia a predominância da abstinência (Rubin, 1990 *in* Sprecher, 1998) (da não aceitação de contactos sexuais pré-conjugais, nem para homens, nem para mulheres) - o chamado duplo padrão sexual clássico - desde então, as atitudes relativas à sexualidade têm vindo a tornar-se progressivamente mais permissivas e tem vindo a verificar-se uma maior aceitação de práticas sexuais pré-conjugais, ao mesmo tempo que se criam normas de “sexo com afecto” e “sexo sem afecto” (Alves, 2006).

No final da década de 60, Reiss (1960, 1967 *in* Alves, 2006), estabelecendo uma tipologia de padrões sexuais em contactos sexuais antes do casamento, afirmava que existia uma aceitação global de relações sexuais pré-matrimoniais que era reservada apenas aos sujeitos masculinos (duplo-padrão sexual clássico). Por sua vez, as mulheres estariam sujeitas à aceitação deste tipo de comportamentos na condição de estes se desenrolarem no contexto de uma relação estável e emocionalmente significativa (duplo-padrão sexual condicional).

Também Rubin (1990 *in* Sprecher, 1998) salienta que na década de 60 a reputação das mulheres e o seu “bom nome” eram dependentes da sua virgindade. Por outro lado, no caso dos homens, a sua desejabilidade social não era afectada, ou até era melhorada pela sua experiência no campo sexual (Sprecher, 1998). Hoje em dia, face à proliferação dos contraceptivos orais, à menor frequência de casamentos e à desvalorização da família como ponto de referência (Lefaucher, 1994 *in* Alves, 2006), estas diferenças têm vindo a atenuar-se e um factor interessante é que grande experiência no campo das relações sexuais é percebida como sendo menos desejável do que experiência moderada ou baixa, tanto para homens como para mulheres (Sprecher, 1998).

Apesar desta tendência para a homogeneização das diferenças comportamentais entre sexos, apesar do desenvolvimento da mentalidade no sentido da aceitação das práticas sexuais fora de relacionamentos de intimidade, apesar de crescentes semelhanças no que toca a percepções e atitudes face a homens e mulheres, e apesar das comuns semelhanças entre os membros dos casais no que toca a atitudes e padrões sexuais (Cupach & Metts, 1995 *in* Sprecher, 1998), os membros de um casal nem sempre estão de acordo relativamente a quando começar a actividade sexual (Sprecher, 1998), os homens, numa relação estável, desejam começar a actividade sexual mais cedo do que as mulheres (Byers & Lewis, 1988; Peplau, Rubin & Hill, 1977 *in* Sprecher, 1998) e a norma social ainda é a de uma maior aceitação destas práticas num contexto de relacionamento estável (Alves, 2006).

Ainda dentro desta linha de mudança dos paradigmas sexuais (e também religiosos) concernentes a sexualidade, importa referir um estudo desenvolvido na Finlândia por Haavio-Mannila e Kontula (1997) onde os autores chegaram à conclusão de que de 1971 para 1992 a satisfação sexual das mulheres finlandesas aumentou significativamente. A isto estará associada uma miríade de factores: o facto de a pessoa ser nova, ter crescido num lar sexualmente não reservado, ter iniciado a actividade sexual cedo, ter um nível educacional elevado, ser assertiva sexualmente, considerar a sexualidade importante na vida, ter sentimentos recíprocos de amor, usar materiais sexuais, ter alta frequência de contactos sexuais, utilizar técnicas sexuais versáteis e ter orgasmos frequentes.

As diferenças na satisfação sexual das mulheres (este estudo compara dados de 1971 com dados 1992) são explicadas, entre outros factores, pelos factos de: a) a vida sexual estar, actualmente, menos ligada à ideia de reprodução e à instituição do casamento; b) a sexualidade ser mais plástica e baseada em *pure* (puras) relações (Giddens, 1991, 1992 *in* Haavio-Mannila & Kontula, 1997); c) as mulheres outrora terem sido vistas como as guardiãs da religião e da moralidade; d) e, hoje em dia, o público ser mais aberto na discussão e tratamento das mulheres, da sexualidade e outros prazeres corporais (Davison *et al.*, 1995; Kontula & Kosonen, 1996 *in* Haavio-Mannila & Kontula, 1997).

No que toca a diferenças entre sexos na vivência das suas sexualidades, os pensamentos que ocorrem durante a prática sexual também apresentam *nuances*. A este propósito, Purdon e Holdaway (2006) apontam os factos de os homens apresentarem, durante o acto sexual, maior frequência de pensamentos concernentes à sua *performance* sexual, enquanto que as mulheres têm mais pensamentos acerca da sua imagem corporal. No entanto, apesar de tanto homens como mulheres apresentam igual probabilidade de pensamentos relacionados com consequências externas da prática sexual (como a gravidez ou serem “apanhados”) e consequências emocionais (moralidade, implicações do sexo para a relação), nas mulheres, estes pensamentos ocorrem com maior frequência e causam maior ansiedade. Para além disto, como seria de prever, para indivíduos de ambos os sexos, maior frequência de pensamentos e maior ansiedade com os mesmo estão relacionadas com desempenhos sexuais mais fracos. Nas mulheres, estes dois factores aparecem relacionadas com menor satisfação sexual.

Por fim, no que concerne as diferenças entre géneros na vivência de relações amorosas, Burn e Ward (2005) mencionam que investigações recentes apontam no sentido da confirmação do estereótipo comum de que os homens, em comparação com as mulheres, são

mais deficitários em competências de relacionamento. Por exemplo: a) disponibilidade em auto-revelar informações pessoais, pensamentos e sentimentos está relacionada com maior satisfação relacional tanto em homens como em mulheres (Boyd, 1995; Jones, 1991; Siavelis & Lamke, 1992), mas os homens são menos expressivos emocionalmente e têm uma frequência de auto-revelações mais baixa (Dindia & Allen, 1992; Foubert & Sholley, 1996; Stapley & Haviland, 1989); b) tanto homens como mulheres referem que as suas relações com mulheres estão imbuídas de maiores intimidade, satisfação/gozo e cuidados (Sapadin, 1988); c) as mulheres são melhores ouvintes e são fontes mais seguras de suporte social (Miller, Berg & Archer, 1983); d) nas relações maritais as mulheres costumam confrontar mais os problemas enquanto que os homens são mais defensivos (Gottman, 1994).

Neste seu trabalho, os autores defendem que estes dados se relacionam mais com o facto de os homens se conformarem com uma masculinidade tradicional - caracterizada por três conjuntos de normas: tenacidade, *status* de sucesso e anti-feminilidade (Thompson & Pleck, 1986 *in* Burn & Ward, 2005) - do que com diferenças biológicas de género. As normas de masculinidade tradicional serão apreendidas por via de processos de socialização (Burn & Ward, 2005).

No que às diferenças entre homens e mulheres diz respeito, não se ficam por aqui os dados que se podem encontrar na literatura. Por exemplo, homens e mulheres têm perspectivas diferentes quanto à intimidade: enquanto que para os primeiros intimidade significa proximidade física e comportamento sexual, para as segundas significa amor, afecto e expressão de sentimentos calorosos (Ridley, 1993 *in* Hook *et al.*, 2005), sendo estas, portanto, mais “relacionais”, gostando mais de realizar actividades com outros e atribuindo maior importância à conversação e partilha emocional (Hook *et al.*, 2005).

Capítulo II

Metodologia

A. Objectivos do Estudo

Os objectivos primordiais deste estudo foram:

1. Aceder às representações dos participantes e aos significados por eles atribuídos à religião, à sexualidade e aos papéis de género;
2. Procurar relações entre estas três variáveis.

Para tal, pareceu-nos que a metodologia de investigação qualitativa seria a mais adequada a este estudo, enquanto procedimento intuitivo e adaptável a índices não previstos (Bardin, 2008).

B. Metodologia Qualitativa

Esta metodologia tem sido utilizada por investigadores na exploração de temas das Ciências Sociais. A metodologia qualitativa prefere a observação do comportamento e do discurso, (abdicando da validação dos números) e permite a obtenção de resultados na forma de discurso (Tesch, 1995). Segundo Bogdan e Biklen (1994), esta metodologia é caracterizada pelos seguintes factores: a) os dados têm como fonte o ambiente natural e o investigador é parte integrante da realidade estudada (Tesch, 1995); b) é uma abordagem descritiva e não numérica; c) a análise dos dados é intuitiva e, portanto, não se pretende confirmar ou infirmar hipóteses; e d) os conhecimentos teóricos retirados dos estudos que adoptam esta metodologia não estão somente dependentes do investigador, mas partem também dos significados atribuídos pelos participantes. Segundo Bardin (2008), a análise de conteúdo consiste de “um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição de conteúdo [...] que permitem a inferência de conhecimentos” (p. 40).

C. Focus Groups

No nosso estudo, optámos pela realização de *focus groups*, porque desta forma nos parecia possível recolher um maior número de testemunhos de uma vez só, e ainda por considerarmos que a confrontação com opiniões divergentes poderia enriquecer os discursos produzidos pelos participantes, permitindo reunir em simultâneo discursos de diversos participantes com características semelhantes (consultar abaixo a constituição dos grupos de participantes).

Com efeito, os *focus groups* potenciam uma discussão em grupo para a qual o

entrevistador tem um guião previamente preparado (ver Anexo A), que se vai adaptando com o decorrer da entrevista. O entrevistador deverá assumir um papel de facilitador, colocando aos participantes uma série de tópicos de discussão acerca dos temas a tratar.

D. Análise de Conteúdo

Segundo Bardin (2008), a análise de conteúdo dos dados recolhidos deverá obedecer a três passos, que seguimos neste estudo. Num momento inicial, são transcritos os discursos obtidos através da realização dos *focus groups*, excluindo as apresentações e fases finais da entrevista em que não se tratam os temas relacionados com o estudo. De seguida, para tratamento do material obtido através das transcrições dos discursos dos participantes, elaboram-se categorias (neste caso as categorias foram criadas após o conhecimento dos conteúdos expressos pelos participantes) onde são codificados trechos dos textos (a nossa unidade de análise foi a frase) transcritos. Por fim, procedeu-se ao tratamento dos resultados obtidos (o *software* utilizado foi o QSR Nvivo 7), às inferências que daí poderão advir e às suas respectivas interpretações.

E. Constituição dos Grupos

Esta investigação teve como base a realização de três *focus groups*. Os critérios para organização dos três grupos foram: 1. idades compreendidas entre os dezoito e os trinta anos de idade (jovens adultos); 2. um número o mais equilibrado possível entre participantes do sexo masculino e do sexo feminino; 3. participantes de diferentes credos religiosos. As amostras foram de conveniência e o recrutamento dos participantes baseou-se em contactos estabelecidos junto de pessoas de diferentes credos religiosos.

Desta forma, a constituição dos grupos foi a seguinte:

Grupo de católicos: três mulheres e um homem de religião católica, todos psicólogos em exercício das suas actividades profissionais;

Grupo de budistas: três mulheres, duas das quais budista (não convertidas, ou seja, que foram sempre budistas), uma no exercício de actividade profissional e outra ainda a frequentar o Ensino Superior; a terceira mulher é crente, mas sem identificação com uma religião e/ou Igreja específicas, a iniciar a frequência de grupos de discussão budista e a frequentar o ensino superior; dois homens budistas convertidos, no exercício de actividades profissionais; um homem budista não convertido, a frequentar o Ensino Superior;

Grupo de estudantes universitários: todos os participantes se encontravam a frequentar o curso de Psicologia na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto; dois homens sem religião; três mulheres, uma sem religião e as outras duas crentes, mas sem identificação com uma religião e/ou Igreja específicas.

Encontrámos francas dificuldades na organização dos grupos. Estas prenderam-se com variados factores, de entre os quais, a possibilidade de encontrar *timings* correctos, em que todos os participantes pudessem estar presentes, em simultâneo. Para conseguirmos reunir o grupo de católicos precisámos de recorrer a ex-alunos da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, que sabíamos estarem envolvidos em actividades relacionadas com a religião católica ou que, pelo menos, fossem católicos praticantes. As nossas tentativas anteriores, junto de instituições religiosas, não encontraram sucesso. Também no grupo de estudantes universitários recorremos a estudantes da mesma casa, dada a dificuldade de organização que encontraríamos ao tentar reunir um grupo de estudantes universitários de outra faculdade. O grupo de budistas também foi um grupo de conveniência (através do contacto com um budista), mas foi o que mais se empenhou em se organizar, acabando o *focus group* por se realizar na casa de dois participantes (irmãos).

O objectivo na organização dos grupos foi o da heterogeneidade de sexos e de credos religiosos. Sistematizando: dos quinze participantes, nove eram mulheres, seis homens; cinco católicos, três crentes sem identificação, cinco budistas e três sem religião.

F. Escolha de Participantes Budistas

A opção por se realizar um grupo de discussão com participantes budistas deveu-se a uma tentativa de pluralização das opiniões recolhidas, dado que a religião Budista apresenta particularidades muito específicas e se baseia em pressupostos e teologias muito diferentes da religião dominante no nosso país (religião Católica). Por exemplo, a religião Budista é ateia. Estes participantes pertenciam a uma corrente específica do Budismo difundida por uma organização não governamental chamada Soka Gakkai International que conta com cerca de quinze milhões de seguidores espalhados por vários países no Mundo.

G. Os Participantes

Os participantes foram codificados segundo três classificações: “sexo”, “religião” professada e participação em actividades religiosas. Uma vez que os participantes que se envolviam em actividades religiosas eram também aqueles que professavam uma religião (não eram crentes sem identificação nem sem religião), acabou por se dispensar esta

classificação, restando apenas as outras duas para efeitos de investigação.

H. A Entrevista

O guião de entrevista para os *focus groups* (ver Anexo A) foi construído com o objectivo de obtenção de um número muito variado de verbalizações, acabando por se ter uma entrevista constituída por questões abertas que abarcam o maior número possível de variáveis. Note-se que, para efeitos das análises que se seguem, não serão focados todos os aspectos trazidos à tona durante as entrevistas. Tal prende-se com o facto de se dispor de um número limite de páginas e de haver temas que considerámos ser laterais aos objectivos deste trabalho de Mestrado Integrado.

Foram então colocadas questões abertas que abarcassem os temas explanados na secção teórica deste trabalho.

I. As categorias

Foram formadas categorias para cada um dos temas principais: “Apreciação da religião”, “Sexualidade” e “Papéis de género”.

A categoria “Apreciação da religião” é constituída por duas sub-categorias: “Valência positiva” e “Valência negativa”. Cada uma destas sub-categorias é constituída por sub-sub-categorias iguais (excepção feita à sub-sub-categoria “Forma de repressão” que é exclusiva da sub-categoria “Valência negativa”). A escolha da palavra “Apreciação” e destas sub-categorias prende-se com o facto de haver uma clara polarização dos juízos de valor efectuados pelos participantes.

A categoria “Sexualidade” é também constituída por sub-categorias. Estas sub-categorias prendem-se com os tipos de verbalizações formuladas pelos participantes.

A categoria “Papéis de género”, tal como a categoria “Apreciação da religião”, é constituída por duas sub-categorias: “Semelhanças” e “Diferenças”. Cada uma destas sub-categorias é constituída por sub-sub-categorias que se repetem (excepção feita às “Semelhanças” que apresenta duas sub-sub-categorias que lhe são específicas: “Valor” e “Complementaridade e equilíbrio”). Esta sub-categorização deve-se ao facto de os participantes terem indicado claramente a existência de características específicas e de características comuns aos géneros.

Para além de categorias que abarcassem os três temas principais, foram também

formadas outras duas categorias referentes às relações entre as variáveis: religião e sexualidade; religião e papéis de género. Cada uma destas categorias foi também dividida em sub-categorias valência positiva e valência negativa.

Segue-se uma tabela que ilustra sinteticamente todas as categorias formadas:

<i>Cate_goria</i>	<i>Descrição</i>	<i>Sub-Cat.</i>	<i>Desc.</i>	<i>Sub-Sub-Cat.</i>	<i>Desc.</i>
Apreciação da religião	Cobre os significados atribuídos à religião. A escolha da palavra apreciação prende-se com o facto de haver uma clara divisão das verbalizações acerca deste tema.	Valência positiva	Cobre os significados carregados de juízos positivos acerca da religião.	Fonte de apoio e validação sociais	Foram codificadas as verbalizações indicativas da religião como providenciadora de apoio social, sentimentos de pertença a um grupo e validação do comportamento e pensamento das pessoas.
				Fonte de motivação	Estão incluídas referências à religião como fonte de motivação para as diversas actividades do dia-a-dia e tarefas importantes (tomadas de decisão, etc.) na vida.
				Forma de organização social	A religião vista como providenciadora de uma matriz de pensamento cultural e social que regula o comportamento dos indivíduos.
				Parte integrante da pessoa	Estão codificadas as verbalizações referentes à religião como uma componente fundamental

					e integrante na vida das pessoas que a professam e/ou praticam.
				Espiritualidade	Estão codificadas as verbalizações referentes a uma visão da religião que passa pela vivência de uma componente espiritual ou esotérica em que existe crenças em divindades, acontecimentos ou figuras mitológicas que não são sustentadas por conhecimentos e realidades directos, observáveis e reais.
				Linha orientadora	Significados atribuídos à religião quando é vista como uma linha orientadora na vida; engloba factores como os valores e normas de referência pelos quais as pessoas se regem.
		Valência negativa	Cobre os significados carregados de juízos negativos acerca da religião.	Fonte de apoio e validação sociais	Refere-se aos efeitos perversos do apoio social providenciado pela religião.
				Fonte de motivação	Refere-se aos efeitos perversos da religião sobre a motivação dos indivíduos para determinadas tarefas e acontecimentos de vida.
				Fonte de organização social	Estão codificadas as verbalizações que indicam a religião como tendo um efeito negativo sobre a organização social, e até política, das sociedades, e, conseqüente/, dos valores, crenças, sentimentos e comportamentos dos seus indivíduos.
				Parte integrante da pessoa	Estão codificadas as verbalizações indicativas de efeitos negativos e juízos de valor negativos

					acerca da integração da religião na vida das pessoas.
				Espiritualidade	Estão inseridas referências aos efeitos negativos da vivência espiritual da religião.
				Linha orientadora	Estão inseridos os significados de cariz negativo associados ao poder orientador da religião, ou seja, à forma como a religião pode servir de fonte de linhas orientadoras, de valores, crenças, sentimentos e comportamentos dos indivíduos.
				Forma de repressão	Refere-se ao poder repressor da religião, seja sobre os pensamentos, emoções, afectos, seja sobre os comportamentos e normas de conduta.
Sexualidade	Estão incluídos os significados atribuídos à sexualidade.	Experiência relacional e emocional	Estão registados os significados atribuídos à sexualidade como um meio e forma de estabelecimento e manutenção de uma relação entre duas pessoas; experiências emocionais associadas à vivência da sexualidade.		
		Forma de prazer	Estão codificadas as verbalizações que se referem à sexualidade como meio de obtenção de prazer (através do próprio corpo, do corpo de outrem ou de outra forma).		
		Forma de comunicação	Sexualidade vista como um meio e forma de comunicação com outro ser humano.		
		Necessidade	Estão inseridas as verbalizações indicativas da sexualidade como uma necessidade biológica (e evolutiva), inata e inerente ao ser humano.		
		Nível comportamental	Estão incluídas as dimensões comportamentais e de <i>performance</i> da sexualidade.		
		Parte integrante da pessoa	Estão codificados os significados indicativos da sexualidade como sendo um factor fundamental, inerente e integrante do ser humano, contributiva para a formação da sua personalidade e obtenção dos seus objectivos.		

		Pensamentos e cognições	Refere-se aos pensamentos e cognições associados à sexualidade, seja durante contactos sexuais ou não.		
		Procriação	Estão codificados os significados atribuídos à componente de procriação.		
		Relação com o corpo de outro	Refere-se à dimensão de contacto, exploração e vivência do corpo de outrém.		
		Relação com o próprio corpo	Refere-se à dimensão de contacto, exploração e vivência do corpo de outrém.		
Papéis de Género	Estão codificados os significados atribuídos ao homem e à mulher, à masculinidade e à feminilidade e aos papéis que são desempenhados ou que deveriam ser desempenhados por cada um dos géneros.	Semelhanças	Refere-se às verbalizações indicativas de semelhanças e complementaridades entre homens e mulheres, masculinidade e feminilidade.	Complementaridade, equilíbrio	Homens e mulheres vistos como parte de um todo complementar e cuja existência visa a criação de um equilíbrio natural.
				Comportamentos e tarefas	Comportamentos e tarefas atribuídos aos papéis de homem e de mulher. Semelhanças entre uns e outros no que concerne os mesmos.
				Nível anatomo-fisiológico	Refere-se a semelhanças entre o género feminino e o género masculino no que concerne aspectos de aparência e estruturas físicas, hormonais e fisiológicas.

				<p>Nível evolutivo</p> <p>Semelhanças entre homens e mulheres com base na história evolutiva da espécie e consequente criação de papéis sociais.</p>
				<p>Nível familiar</p> <p>Refere-se a semelhanças entre géneros no que toca os papéis familiares, as crenças e valores transmitidos pela família e a educação prestada pelos familiares (aos mais novos).</p>
				<p>Nível personalidade</p> <p>Semelhanças entre homens e mulheres no que concerne traços de personalidade (esperados ou presentes).</p>
				<p>Nível sexual</p> <p>Codificações referentes a semelhanças entre homens e mulheres no que concerne práticas sexuais e atitudes e crenças relativas às mesmas. Também se refere a crenças e valores transmitidos socialmente, relativos à sexualidade.</p>
				<p>Nível social</p> <p>Semelhanças entre géneros no que toca papéis</p>

					desempenhados (ou que se esperem que desempenhem) na sociedade. Concerne também factores de transmissão de valores e socialização, como, por exemplo, o papel da educação na formação de determinadas crenças.
				Valor	Valor simbólico das pessoas visto como factor fundamental para a compreensão das mesmas.
		Diferenças	Refere-se às verbalizações indicativas de diferenças entre homens e mulheres, masculinidade e feminilidade	Comportamentos e tarefas	Comportamentos e Tarefas atribuídos aos papéis de homem e de mulher. Diferenças entre uns e outros no que concerne os mesmos.
				Nível anatomo-fisiológico	Diferenças entre o género feminino e o género masculino no que concerne aspectos de aparência e estrutura físicas, hormonais e fisiológicas.
				Nível evolutivo	Diferenças entre homens e mulheres com base na história evolutiva da espécie e consequente

					criação de papéis sociais.
				Nível familiar	Diferenças entre géneros no que toca os papéis familiares, as crenças e valores transmitidos pela família e a educação prestada pelos familiares (aos mais novos).
				Nível personalidade	Diferenças entre homens e mulheres no que concerne traços de personalidade (esperados ou presentes).
				Nível sexual	Diferenças entre homens e mulheres no que concerne práticas sexuais e atitudes e crenças relativas às mesmas. Também se refere a crenças e valores transmitidos socialmente, relativos à sexualidade.
				Nível social	Diferenças entre géneros no que toca papéis desempenhados (ou que se esperem que desempenhem) na sociedade. Concerne também factores de transmissão de valores e

					socialização, como, por exemplo, o papel da educação na formação de determinadas crenças.
Relações entre Religião e Sexualidade	Codificação das verbalizações referentes ao estabelecimento, por parte dos participantes, de efeitos uni ou bi-direccionais entre as variáveis religião e sexualidade.	Valência Positiva	Refere-se aos efeitos positivos que orientações, crenças e valores religiosos podem ter sobre atitudes perante a sexualidade e crenças relacionadas com esta.	Crenças e Valores Transmitidos	Refere-se às crenças e aos valores transmitidos pela religião no que toca a sexualidade e a vivência desta; e que podem ter efeitos positivos.
				Nível Comportamental	Influências positivas da religião sobre os comportamentos sexuais ou de corte.
				Satisfação Sexual	Refere-se a verbalizações de carácter neutro ou positivo acerca das influências que a religião (crenças e valores a ela associados) pode ter sobre a satisfação sexual dos indivíduos.
				Teologias	Codificações de verbalizações acerca de teologias transmitidas pela religião que têm sobre a vivência da sexualidade um efeito neutro ou positivo.

		Valência Negativa	Refere-se aos efeitos negativos que orientações, crenças e valores religiosos podem ter sobre atitudes perante a sexualidade e crenças relacionadas com esta.	Crenças e Valores Transmitidos	Refere-se às crenças e aos valores transmitidos pela religião no que toca a sexualidade e a vivência desta; e que podem ter efeitos negativos e/ou preversos.
				Nível Comportamental	Influências negativas da religião sobre os comportamentos sexuais ou de corte.
				Satisfação Sexual	Refere-se a verbalizações de carácter negativo acerca das influências que a religião (crenças e valores a ela associados) pode ter sobre a satisfação sexual dos indivíduos.
				Teologias	Codificações de verbalizações acerca de teologias transmitidas pela religião que têm sobre a vivência da sexualidade um efeito negativo.
Relações entre Religião e Papéis de Género	Codificação das verbalizações referentes ao estabelecimento, por parte dos	Valência Positiva	Refere-se aos efeitos positivos que orientações, crenças e valores religiosos podem ter sobre atitudes e comportamentos	Nível Atitudinal	Refere-se aos efeitos positivos que as crenças e ideologias religiosas, valores

	participantes, de efeitos uni ou bi-direccionais entre as variáveis religião e papéis de género.		perante os géneros.		transmitidos pela religião e teologias desta podem ter sobre a forma como as pessoas vêem o homem e a mulher e sobre a forma como interpretam a masculinidade e a feminilidade.
				Nível Comportamental	Efeitos positivos que as crenças e ideologias religiosas, valores transmitidos pela religião e teologias desta podem ter sobre a forma como as mulheres e os homens se comportam ou como os indivíduos consideram que se deveriam comportar.
		Valência Negativa	Refere-se aos efeitos negativos que orientações, crenças e valores religiosos podem ter sobre atitudes e comportamentos perante os géneros.	Nível Atitudinal	Refere-se aos efeitos negativos que as crenças e ideologias religiosas, valores transmitidos pela religião e teologias desta podem ter sobre a forma como as pessoas vêem o homem e a mulher e sobre a forma como interpretam a masculinidade e a feminilidade.

				Nível Comportamental	Efeitos positivos que as crenças e ideologias religiosas, valores transmitidos pela religião e teologias desta podem ter sobre a forma como as mulheres e os homens se comportam ou como os indivíduos consideram que se deveriam comportar.
--	--	--	--	-----------------------------	--

Tabela 1: Categorias e sua caracterização.

Note-se que para cada um das sub-sub-categorias (e para cada uma das sub-categorias da categoria “Sexualidade”) foram acrescentadas outras duas sub-categorias: “Homens” e “Mulheres”. Tal deveu-se ao facto de muitas das verbalizações dos participantes serem específicas de uns ou de outros.

Capítulo III

Resultados, Discussão e Conclusões

A. Religião

Se se começar por olhar para a categoria “Apreciação da religião”, poder-se-à notar que praticamente todos os participantes atribuem à religião tanto características de cariz positivo como características de cariz negativo, excepção feita a um participante católico e a um budista. No entanto, é de notar que os participantes “sem religião” produziram maior quantidade de discurso em que atribuem significados negativos às suas componentes. Também se pode constatar que os Budistas apresentam a maior diferença nas quantidades de discurso: são os que mais falam de características positivas da religião e os que menos falam das suas características negativas.

Quadro 1: Apreciação da religião, número de participantes e número de palavras codificados.

	Apreciação da Religião	
	Valência Positiva	Valência negativa
	(nº de part./nº de palavras)	(nº de part./nº de palavras)
Católicos	4/2120	4/821
Crentes	3/542	3/261
Budistas	5/2532	5/624
Sem religião	3/1180	3/1332
Total	15/6374	15/3038

Isto sugere-nos que os Budistas possam ter percepções mais positivas acerca da religião e, como se pode constatar pelas verbalizações dos mesmo, vêem a sua religião como portadora de vantagens morais e funcionais que outras religiões não apresentam.

Sexo feminino, Budista- “E penso que é muito importante nesse aspecto, para diss... para ajudar a diss... a termos essa..., eu não gosto de ver como uma muleta, gosto de olhar mais como uma decisão, decisão religi... porque a religião é uma opção, então eu prefiro ver que é uma decisão de querermos tomar, que rumo é que queremos dar na nossa vida.”

Sexo masculino, Budista- “Ao passo que, noutras religiões, a fê é acreditar que há algo que vem de encontro a nós, ou seja, a questão do ambiente é que vem contra nós, nós, no Budismo, partimos do princípio ao contrário: de nós para o ambiente. Porque em última instância nós somos responsáveis pelo Mundo à nossa volta (...)”

De todas as categorias associadas à “Valência Positiva” da religião, a “Fonte de apoio e

validação sociais” foi aquela a que os participantes menos se referiram (apenas seis), enquanto que as categorias “Linha orientadora” e “Parte integrante da pessoa” foram referidas por todos os participantes. De notar que os participantes católicos foram os que mais se referiram ao lado negativo da religião como “Fonte de apoio e validação sociais” enquanto que nem os budistas nem os crentes (sem identificação com uma religião específica) mencionaram esta vertente da religião como negativa.

Quadro 2: Sub-sub-categorias da sub-categoria “Valência Positiva”, número de participantes e número de palavras codificados por religião dos participantes.

Apreciação da Religião - Valência Positiva							
	Linha Orientadora	Parte Integrante da Pessoa	Fonte de Motivação	Crenças	Fonte de apoio e validação sociais	Forma de organização social	Espiritualidade
	(número de participantes/número de palavras)						
Católicos	4/972	4/718	2/376	4/573	2/72	3/457	4/976
Crentes	3/212	3/236	2/57	2/20	1/28	3/100	3/329
Budistas	5/838	5/679	5/804	4/501	1/93	3/405	4/795
Sem religião	3/573	3/305	3/94	1/64	2/113	3/382	3/420
Total	15/2595	15/1938	12/1331	11/1158	6/306	12/1344	14/2520

Quadro 3: Sub-sub-categorias da sub-categoria “Valência Negativa”, número de participantes e número de palavras codificados por religião dos participantes.

Apreciação da Religião - Valência Negativa								
	Linha Orientadora	Parte Integrante da Pessoa	Fonte de Motivação	Crenças	Fonte de apoio e validação sociais	Forma de organização social	Forma de representação	Espiritualidade
	(número de participantes/número de palavras)							
Católicos	2/99	1/25	0/0	2/55	3/191	3/171	3/561	0/0

Crentes	2/163	0/0	0/0	1/35	0/0	3/148	3/134	1/12
Budistas	0/0	0/0	1/31	1/11	0/0	4/382	4/315	1/12
Sem religião	3/236	2/57	1/111	0/0	1/568	2/890	2/553	2/102
Total	7/498	3/82	2/142	4/101	4/759	12/1591	12/1563	4/126

Isto sugere-nos que uma maior proximidade às ideologias católicas, aos valores e crenças transmitidos por esta Igreja e às suas instituições permite aos sujeitos uma visão mais crítica do funcionamento da religião no que aos aspectos de apoio e validação da população diz respeito. De qualquer forma, a religião não é entendida como uma fonte de apoio e validação sociais, o que contraria perspectivas teóricas mais sociológicas que apontam para a importância destes factores (Durkheim, 1915 in Pargament *et al.*, 2005; Barkan, 2006).

A Religião aparece, então, caracterizada com recorrência a diferentes dimensões (categorias), cada uma delas com valências positivas e/ou negativas. É assim, na perspectiva dos participantes, uma linha orientadora para as escolhas de vida, tomadas de decisão, valores a seguir e matriz de leitura do Mundo, dos outros e do próprio; confere um determinado número de crenças que organizam a acção e os pensamentos das pessoas. É também caracterizada como um meio de repressão de sentimentos, pensamentos e, essencialmente, de expressão de desejos e comportamentos sexuais. A nível social é vista como um poderoso meio de organização de comportamentos e crenças da população.

Estes dados poderão flexibilizar as perspectivas teóricas sobre a religião no sentido da integração simultânea de consequências positivas e negativas sobre o funcionamento das pessoas, afastando-nos de perspectivas que salientam ora um ora outro tipo de efeitos.

 Sexo feminino, Budista – “E penso que é muito importante nesse aspecto, para dissimular... para ajudar a dissimular... a termos essa..., eu não gosto de ver como uma muleta, gosto de olhar mais como uma decisão, decisão religiosa... porque a religião é uma opção, então eu prefiro ver que é uma decisão de querermos tomar, que rumo é que queremos dar na nossa vida.”

Sexo feminino, Católica- “Pronto e acho que é muito pessoal e de cada um e para mim acaba por ter uma grande importância e vejo também pelos exemplos que tenho e de referência que fui desenvolvendo em mim: que é a tal fé e é aquilo a que eu me agarro para acreditar em determinadas coisas, como é que elas existem na vida, ou como é que podem existir, é a tal força para continuar.”

Sexo feminino, sem religião- Sim... Aquilo que ela disse de crer em alguma coisa, acho que é mesmo para dar um significado à nossa vida por nos sentirmos tão insignificantes e tão mais um no meio de milhões.

A religião é também uma componente integrante na vida das pessoas que lhes confere

motivação para enfrentar problemas de vida (o que é congruente com os dados da bibliografia que apontam para maiores recorrências às crenças religiosas e para maiores probabilidades de conversão religiosa em momentos de crise e sofrimento psicológico) (Kirkpatrick, 1994). À componente de organização social, olhada normalmente numa perspectiva mais histórica, são também atribuídos significados positivos que se prendem com a possibilidade de as pessoas terem formas de controlo de determinados comportamentos e linhas orientadoras das suas condutas, principalmente a nível familiar.

Sexo feminino, Crente, mas sem identificação- “Olha que há muita gente que segue, que acredita naquilo que está escrito e isso, parecendo que não, dá uma ordem ao Mundo numa escala que nós não temos noção.”
Sexo masculino, sem religião- “Isso não cria uma estabilidade micro-social que hoje em dia não temos? Eu não digo que antigamente não houvesse vontade que as famílias se desfizessem, porque o Vaticano proibiu o divórcio e se proibiu o divórcio é porque as pessoas queriam fazer divórcio, porque se não quisessem não havia necessidade de o proibir.”

Esta perspectiva, partilhada pela maior parte dos participantes, se bem que contrabalançada com juízos negativos acerca desta mesma componente, levanta a hipótese de haver um discurso social de desculpabilização da Igreja Católica no que toca a escolha de determinadas atitudes (hoje bastante controversas) relativamente à sexualidade e aos supostos papéis dos homens e das mulheres na sociedade e na família.

Não existem diferenças substanciais nos discursos dos participantes (relativamente a estas categorias) em função do sexo dos mesmos mesmos.

B. Sexualidade

Nos significados atribuídos à sexualidade, sobressaem as categorias “Experiência emocional e relacional”, “Necessidade” (com onze do total de quinze participantes a referirem-se a cada uma destas categorias), “ Fonte de prazer” e “Parte integrante da pessoa” (com dez de quinze participantes a referirem-se a cada uma destas categorias).

Quadro 4: Codificações (número de participantes e número de palavras) nas sub-categorias da categoria sexualidade, em função do sexo dos participantes

Sexualidade

	Exp. rel. e emoc.	Fonte Prazer	Forma Comuni cação	Necessi dade	Nível Com porta.	Part. Int. Pessoa	Pensa mentos Cogs.	Procria ção	R(x) próprio corpo	R(x) corpo outro
	(número de participantes/número de palavras)									
Mas culino	4/361	5/334	2/159	5/289	2/278	4/241	2/128	2/246	1/58	1/87
Femi nino	7/1563	5/704	3/78	6/374	5/479	6/435	3/120	2/131	4/419	4/523
Total	11/1924	10/1038	5/237	11/663	7/757	10/676	5/248	4/377	5/477	5/610

As referências à sexualidade como sendo uma experiência emocional e relacional foram muito mais frequentes nos participantes do sexo feminino, tendo estas produzido praticamente cinco vezes a quantidade de discurso dos homens e devendo-se principalmente a elas as diferenças de codificação nesta categoria. Aliás, os homens apresentam uma distribuição mais homogénea dos seus discursos pelas diferentes categorias. Os participantes do sexo masculino acabaram por referir mais frequentemente as categorias “Fonte de prazer” e “Necessidade” (cinco homens de um total de seis), enquanto que os participantes do sexo feminino se referiram em maior número à “Experiência relacional e emocional” (sete mulheres de um total de nove).

Estes dados confirmam o estereótipo de os homens serem mais orientados para a obtenção de prazer e para as componentes instrumentais e as mulheres mais orientadas para o lado emocional e afectivo da sexualidade. Aliás, o estudo abre um paradoxo interessante que se prende com o facto de, contemporaneamente com esta bipartição (homens orientados para o prazer e mulheres para as emoções e afectos), os participantes terem o cuidado de retratarem o homem como um ser igualmente sensível e frágil.

As mulheres também foram quem mais referências fez às relações com o próprio corpo e com o corpo do outro: quatro mulheres e um homem para cada uma destas duas categorias. O facto de os participantes do sexo feminino se referirem mais à “Relação com o próprio corpo” do que os participantes do sexo masculino poderá reflectir uma maior preocupação com a masturbação feminina que, como os próprios participantes referiram, é um comportamento mais criticado socialmente.

Sexo masculino, Budista- “Eu acho que é muito mais porque estamos a partilhar uma parte que ninguém... não é com toda a gente para se partilhar esse tipo de actividade, e só com uma pessoa normalmente e isso...”

Sexo masculino, sem religião- “A mulher não, é mais sensível, é se calhar aquela pessoa que lida mais com os sentimentos na relação, é a pessoa que faz mais sacrifícios, mais facilmente aceita que o homem não possa ser tão carinhoso por que é um dia mau..., até aceitam a traição ou a ausência de afecto na relação, porque, pronto... também sabemos que eles são diferentes de nós e nós somos mais sensíveis, pois na relação a mulher tem mais necessidades de carinhos, de beijinhos, de coisinhas, de prendinhas.”

Sexo masculino, Católico- “O homem até pode ser mais sensível, até pode chorar, mas se calhar não chora à frente das pessoas, vai chorar sozinho no quarto dele, ou num sítio que seja mais protegido, mas chora na mesma, os homens também choram.”

As diferenças mais evidentes encontram-se na análise dos significados atribuídos tendo em conta a orientação religiosa dos participantes (quatro católicos, três crentes sem identificação com uma religião e/ou Igreja específica, cinco budistas e três sem religião). Aqui, nota-se uma clara diferença entre os budistas e os outros participantes: os primeiros referem-se à sexualidade como “Forma de comunicação” de forma mais recorrente do que os segundos, ou seja, enquanto que quatro (em cinco) participantes budistas se referem a esta categoria, apenas um outro participante lhe faz referência. É também interessante notar que os participantes budistas nunca fazem referência à sexualidade como forma de estabelecer uma relação com o próprio corpo e com o corpo de outro.

Quadro 5: Codificações (número de participantes e número de palavras) nas sub-categorias da categoria sexualidade, em função da religião dos participantes.

	Sexualidade									
	Exp. rel. e emoc.	Fonte Prazer	Forma Comunicação	Necessidade	Nível Com porta.	Part. Int. Pessoa	Pensamentos Cogs.	Procriação	R(x) próprio corpo	R(x) corpo outro
	(número de participantes/número de palavras)									
Católic.	3/964	3/477	0/0	2/133	2/255	3/259	0/0	0/0	2/127	2/336
Crente	3/487	2/131	1/57	2/105	2/207	3/166	2/100	1/73	2/292	1/158
Budistas	2/146	2/49	4/180	4/364	1/32	2/186	1/22	1/54	0/0	0/0
Sem	3/327	3/381	0/0	3/61	2/263	2/65	2/126	2/250	1/58	2/116
Total	11/1924	10/1038	5/237	11/663	7/757	10/676	5/248	4/377	5/477	5/610

Quadro 6: Número de participantes e número de palavras codificados na categoria sexualidade, em função da religião dos participantes.

	Sexualidade
	(número de participantes/número de palavras)
Católic.	4/ 1656
Crente	3/ 999
Budistas	5/ 890
Sem	3/ 1111
Total	15/ 4656

De todos os participantes, os budistas foram os que menor quantidade de discurso produziram na categoria “Fonte de prazer” (e os que produziram menor quantidade de discurso acerca da sexualidade) e os participantes crentes, mas sem identificação com uma religião e/ou Igreja específica foram os únicos que mencionaram todas as categorias referentes à sexualidade.

Isto levanta algumas questões interessantes para investigações futuras e levanta também dados curiosos que se relacionam com as perspectivas que cada pessoa, dependendo da sua orientação religiosa, contrói. As diferenças são claras, e um dado interessante prende-se com o facto de serem os católicos que maior quantidade de discurso produzem sobre a sexualidade (se bem que, simultaneamente, foram codificados no menor número de categorias, o que poderá indicar maior preocupação com o tema, mas menor capacidade de integração da miríade de componentes associada a esta variável). Neste estudo, os participantes ou se encontravam a frequentar o Ensino Superior ou tinham já formação superior, o que poderá ser indicativo de uma maior complexidade cognitiva e maiores níveis de reflexão acerca de determinadas temáticas do que o que poderíamos encontrar noutras demografias. Talvez este factor contribua para a eventualidade de estarmos diante um conjunto de participantes que reflecta mais sobre este tema e que, portanto produza maiores quantidades de discurso quando se refere a ele. No entanto, não é de eliminar a hipótese de haver, da parte da população católica, um maior empenho reflexivo sobre estas temáticas, o que se poderá dever ao facto de estes sujeitos terem que procurar respostas que adaptem as crenças mais repressivas (quanto à sexualidade) – que lhes foram transmitidas e que são parte integrante de algumas das

teologias da sua religião – com os seus desejos, vontades e comportamentos. Tal iria ao encontro da hipótese de existência de um fenómeno de dissonância cognitiva (Uecker *et al.*, 2007).

Sexo feminino, Católica- “Então vivem uma repressão de: «Ai não aquilo... Até me incomoda pensar.» Se calhar incomoda-me pensar, mas o meu íntimo (e aí, mais aquela cena do id e das pulsões), o meu íntimo gostava de experimentar aquilo.”

Por fim, importa referir que nas categorias “Necessidade” e “Nível comportamental” os participantes referiram-se mais aos homens (sub-sub-categoria “Homens”), acabando este sexo por ser caracterizado, de forma global, como tendo maiores necessidade de satisfação sexual e de práticas sexuais. É interessante notar que isto é concordante com os dados acima explanados de que os participantes do sexo masculino se referem mais às componentes “Necessidade” e “Fonte de prazer”.

A sexualidade aparece então caracterizada como um constructo multidimensional, fundamental na vida das pessoas e directamente relacionando com as relações amorosas, o amor, os sentimentos e as emoções. De seguida, a sexualidade é valorizada como uma fonte de prazer e uma necessidade (do foro fisiológico e não só).

Sexo masculino, Budista- “Eu acho que é muito mais porque estamos a partilhar uma parte que ninguém... não é com toda a gente que se partilha esse tipo de actividade, é só com uma pessoa, normalmente, e isso...”
Sexo masculino, Budista- “[A sexualidade]É uma boa oportunidade para dares um sentido biológico à tua vida, é uma boa oportunidade para conseguires, não só prolongares os teus genes, se vives numa coisa mais animal, tipo prolongar a raça, mas é uma boa oportunidade para tu contribuíres activamente na preservação da vida e talvez no melhoramento dessa própria vida.”

C. Papéis de Género

Como seria de esperar, as diferenças entre homens e mulheres foram mais enunciadas do que as semelhanças, visto que a questão colocada aos participantes visava esse objectivo, o de salientar os factores que distinguem homens de mulheres (ver Anexo A). Não se podem observar diferenças de maior entre os participantes de diferentes orientações religiosas.

Quadro 7: Número de participantes e número de palavras codificados nas sub-categorias “Semelhanças” e “Diferenças” da categoria “Papéis de Género.

Papéis de Género		
	Semelhanças	Diferenças
Total	14/2418	15/8194

As diferenças de “Nível social” e depois as diferenças de “Comportamentos e tarefas” foram as que maiores quantidades de discurso mereceram por parte dos participantes. De seguida, as diferenças de “Nível social” e depois as de “Nível familiar” foram as que receberam maior atenção. As diferenças de “Nível evolutivo” foram as menos cotadas.

Quadro 8: Número de participantes e de palavras codificadas nas sub-sub-categorias da sub-categoria “Diferenças”, em função do sexo dos participantes.

Papéis de Género - Diferenças							
	Comportamentos e Tarefas	Nível Anatomo-fisiológico	N. evolutivo	N. familiar	N. personalidade e emoção	N. sexual	N. social
	(número de participantes/número de palavras)						
Sexo feminino	6/1222	6/858	2/321	4/923	4/507	4/379	6/2097
Sexo masculino	9/1993	9/981	3/151	6/1614	8/1828	7/129	9/1338
Total	15/3215	15/1839	5/472	10/2537	12/2335	11/1508	15/3435

No entanto, é de salientar que os participantes do sexo masculino têm abordagens diferentes dos do sexo feminino no que toca as diferenças entre géneros. Desta forma, os homens salientam mais as diferenças a “Nível social”, enquanto que as mulheres enfatizam mais as diferenças a nível dos comportamentos e tarefas desempenhados. Outro dado interessante é o de as mulheres, em termos de quantidade de discurso produzido e em comparação com os participantes do sexo masculino, salientarem significativamente mais os aspectos de personalidade e emoção.

Sexo masculino, Budista- “Porque, no fundo, essa é a grande dicotomia de uma sociedade humana, homem/mulher, não é pobre nem rico, nem preto ou branco.”

Sexo masculino, Católico- “Vê-se desde logo quando tens uma pessoa com 30 anos, homem, tu não tens pressão nenhuma por parte da família, da sociedade, para que a pessoa case, tenha uma nova família, tenha filhos...”

Sexo feminino, Crente, mas sem religião- “Ou seja, masculinidade e feminilidade é uma convenção, como outra qualquer. É o conjunto de características que são mais apreciadas socialmente num sexo ou noutro e que...”

Outras análises de interesse são as que se prendem com as diferenças entre participantes de diferentes credos religiosos. Aqui, os participantes católicos foram os que mais se referiram às diferentes áreas de possível distinção dos géneros (todos fizeram referência a todas as categorias, excepto à “Nível Evolutivo”, a menos cotada) e os que maiores quantidades de discurso produziram acerca destas diferenças.

Quadro 9: Número de participantes e de palavras codificadas nas sub-sub-categorias da sub-categoria “Diferenças”, em função da orientação religiosa dos participantes.

	Papéis de Género - Diferenças						
	Comportamentos e Tarefas	Nível Anatomo-fisiológico	N. evolutivo	N. familiar	N. personalidade e emoção	N. sexual	N. social
	(número de participantes/número de palavras)						
Católicos	4/1660	4/645	2/138	4/1761	4/1540	4/768	4/1445
Crentes	3/272	3/70	1/13	1/54	2/126	2/276	3/328
Budistas	5/845	5/728	2/321	3/567	4/370	2/45	5/725
Sem religião	3/438	3/396	0/0	2/155	2/299	3/419	3/937
Total	15/3215	15/1839	5/472	10/2537	12/2335	11/1508	15/3435

A categoria “Nível Familiar” foi a mais cotada pelos participantes católicos. Como, por exemplo, nesta verbalização dum participante do sexo feminino, católica: “Eu acho que é a consequência da sensibilidade... a tarefa que uma mulher tem na família é uma tarefa muito mais ligada à pessoa, aos filhos, ao cuidado da casa, ao cuidado do lar, e o homem muito mais ao emprego, à gestão orçamental.” Por outro lado, os participantes crentes (mas sem identificação com uma religião e/ou Igreja específica), os budistas e os participantes sem

religião falaram muito menos das diferenças a nível familiar.

Estes dados parecem apontar no sentido da seguinte hipótese: que os participantes católicos, talvez devido ao facto de algumas das crenças e valores transmitidos pela Igreja católica estarem ligados à família (sua constituição e preservação), tenham uma maior preocupação com a componente de funcionamento e organização familiar.

O facto de os sujeitos sem religião serem os que menos falam das diferenças entre géneros não é congruente com o esperado, pois, apesar de não professarem nenhuma religião, tiveram educação católica e muitos deles foram activos em actividades religiosas no passado. Isto poderá sugerir-nos uma hipótese, digna de investigações futuras, que é a de existir um maior desprendimento de valores e crenças transmitidos pela religião inicial quando há abandono de uma religião.

Apesar de os participantes terem indicado mais diferenças a “Nível social” do que em qualquer outra área, foi também nas “Semelhanças” que esta vertente foi a mais referida. As verbalizações dos participantes quanto a “Semelhanças” a “Nível social” indicam principalmente mudanças nas sociedades modernas no sentido de maiores igualdades de direitos, tarefas e atitudes.

Sexo feminino, Crente, sem identificação com uma religião e/ou Igreja específica- “Eu acho que, hoje em dia, apesar de haver uma igualdade de direitos e de vontades entre homem e mulher, eu acho que a sociedade tentou forçar que somos iguais.”

Sexo masculino, Sem religião- “O que eu estou a dizer é que hoje em dia já não existem esses papéis, do chefe da família e da mulher dona de casa, e esses papéis que se calhar pouco têm a ver com a sexualidade, depois vão-se reflectir na cama, ou na piscina ou onde for.”

A segunda categoria mais codificada nas “Semelhanças” é exclusiva a esta e prende-se com a percepção de existência de um sentido de complementaridade entre homens e mulheres. Muitas vezes, esta complementaridade era referida na forma da palavra “equilíbrio”.

Sexo masculino, Budista- “Mas acho que, no fundo, o homem e a mulher estão aqui juntos de propósito para conseguir fazer algo que um consiga contribuir para o outro, para dar um equilíbrio, por isso, nem um nem o outro é maior do que o outro, são simplesmente um bom equilíbrio.”

Os participantes do sexo masculino, apesar de em menor número na totalidade dos participantes (seis homens e nove mulheres), foram os que maior quantidade de discurso produziram acerca das semelhanças entre géneros (rever Quadro 7, acima). Foram também os

que mais referências fizeram à componente social, enquanto que as mulheres se centraram mais sobre as questões ligadas à complementaridade e equilíbrio entre pessoas de sexos opostos.

As mulheres foram os participantes que mais falaram de semelhanças a nível da personalidade e emoções; os homens falaram mais de semelhanças em forma de valor (quatro homens e apenas uma mulher).

Quanto às diferenças entre participantes de credos diferentes, os participantes católicos foram os que mais referências fizeram às semelhanças de nível social, seguidos dos participantes sem religião. Os restantes produziram pequenas quantidades de discurso acerca deste tema. Também foram os participantes católicos que mais se referiram a semelhanças ao nível da complementaridade e equilíbrio entre diferentes géneros (segunda categoria mais referida pelos participantes deste credo), seguindo-se a categoria “Comportamentos e tarefas” e logo depois a “Nível personalidade”.

Por outro lado, os budistas, que foram os que produziram maior quantidade de discurso acerca das semelhanças, foram os que mais se referiram à categoria “Valor” (quatro participantes budistas e apenas um sem religião), mas não fizeram qualquer referência às semelhanças a nível da personalidade. Estes dados parecem reflectir uma preocupação global dos participantes budistas com questões ligadas ao equilíbrio e à igualdade, temas recorrentes da entrevista com estes participantes.

D. Relações entre Religião e Sexualidade

A nível dos significados atribuídos às possíveis relações entre religião e sexualidade, torna-se interessante observar que os participantes encontram mais relações negativas do que positivas entre estas duas variáveis, ou seja, consideram que a religião tem mais influências negativas sobre a sexualidade. Assim, houve dois participantes que não se referiram à componente positiva desta relação enquanto que todos eles se referiram à negativa. Para além disto, foi codificado praticamente o dobro das palavras na categoria “Valência negativa”.

Quadro 10: Número de participantes e número de palavras codificados nas sub-categorias “Valência Positiva” e “Valência Negativa”, referentes às relações entre Religião e sexualidade.

Relações entre Religião e Sexualidade		
	Valência Positiva	Valência Negativa
	(nº de part./nº de palavras)	(nº de part./nº de palavras)
Total	13/1957	15/3692

 Sexo masculino, Católico- “O facto de alguém que não é tão religioso e não tem tanto o conceito de pecado, à partia, poderá ter uma sexualidade ou a vivência de uma sexualidade duma maneira totalmente diferente do que alguém que tem inerente à sua vivência a condicionante de o facto de ter prazer na sua relação, na relação sexual, isso constituir um pecado para a religião que ela própria professa.”

É interessante notar que os participantes, principalmente os católicos, se referem a uma componente de restrição comportamental da religião que poderá ser benéfica, uma vez que permite um maior controlo e um maior evitamento de comportamentos desviantes. Isto é concordante com a bibliografia encontrada (Barkan, 2006; Uecker *et al.*, 2007; Rowatt & Schmitt, 2003) que indica que os sujeitos mais religiosos são os que menos se envolvem em comportamentos sexuais de risco e os que menos parceiros sexuais têm ao longo da vida. Desta forma, sobressai também nestes dados uma norma de “sexo com afecto” (Alves, 2006) em que há uma maior valorização e validação dos contactos sexuais quando estes estão assentes em princípios de partilha afectiva (e não em objectivos de mera obtenção de prazer).

 Sexo feminino, Católica- “(...) podemos falar de tudo mas lá no fundo havia aquela áurea de censura, não é bem de censura mas, quase como se fosse pecado pensar em algumas coisas, e isto, apesar de racionalmente eu ver como não, em termos de emoções muitas vezes senti que fui um bocadinho castrada. Não me fez mal, e se calhar, apesar de ser mau, evitou que eu tivesse alguns comportamentos menos ajustados, porque quando vinha a experiência já tinha mais capacidade de a incorporar.”

Sexo feminino, Católica- “Que é, se existem mais mulheres, mais homens com “H” grande, que tenham depois estes desejos recalcados e que não tenham uma vivência saudável da sexualidade por causa da religião ou, se por outro lado, a religião acaba por beneficiar (e se calhar a mim beneficia) no sentido de viver a sexualidade duma forma pondera e pensada, consciente.”

Outro dado que parece ser relevante é o de os participantes católicos (que estiveram todos inseridos num só grupo), quando questionados sobre os significados por eles atribuídos à religião, terem mencionado espontaneamente (ainda antes de qualquer outra questão que não esta) as relações entre esta variável e a variável sexualidade. A isto, podemos ainda adicionar o facto interessante de terem sido os sujeitos sem religião (ateus ou agnósticos) os que mais discurso produziram acerca das características positivas de uma eventual relação entre estas

duas variáveis. A título de exemplo, veja-se esta verbalização de um participante do sexo masculino, sem religião: “Eu acho que, embora a religião seja castradora, e concordo, não podemos pegar só pelo lado negativo, também existe um lado positivo, porque a religião apela muito a um lado que também é sexualidade, que é o amor.” Isto pode indicar-nos que um afastamento das ideologias religiosas pode conduzir a perspectivas mais positivas acerca dos efeitos que a religião pode ter sobre a vivência da sexualidade.

Quadro 11: Número de participantes e número de palavras codificados nas sub-sub-categorias das sub-categorias “Valência Positiva” e “Valência Negativa”, referentes às relações entre Religião e sexualidade, em função da orientação religiosa dos participantes.

Relações entre Religião e Sexualidade								
	Valência Positiva				Valência Negativa			
	Crenças e Valores	Nível Comportamental	Teologias	Satisfação Sexual	Crenças e Valores	Nível Comportamental	Teologias	Satisfação Sexual
(nº de participantes/nº de palavras)								
Católicos	2/131	3/366	1/66	2/23	4/920	4/415	4/498	4/271
Crentes	2/163	2/52	0/0	1/10	2/387	3/365	2/76	2/54
Budistas	1/75	1/150	1/75	5/341	5/394	4/347	2/44	4/280
Sem religião	3/365	2/87	1/87	3/205	3/1009	3/686	3/59	2/45
Total	8/1957	8/655	3/228	11/579	14/2710	14/1813	11/677	12/650

Em cada uma das sub-categorias associadas à relação entre religião e sexualidade os participantes falam significativamente mais da mulher, referindo-se mais vezes às interferências nefastas que a religião pode ter sobre a vivência sexual destas. Por exemplo, uma verbalização de um sujeito do sexo masculino, católico: “Por isso é que a religião condiciona e tem influência na sexualidade, começa por aí, quando nega a possibilidade de prazer, sobretudo à mulher, uma vez mais, são mais penalizadas.”

Por fim, uma outra componente que aparece associada a esta relação negativa entre religião e sexualidade prende-se com questões institucionais de afastamento da religião (católica) da discussão de temáticas sexuais e o consequente afastamento das práticas

religiosas que tal provoca nos mais novos.

 Sexo feminino, Católica- “Vai falar com o padre, o padre vai dizer «não penses nisso que isso é pecado», a pessoa vai-se penitenciar por ter pensado nisso... é um ciclo...”

E. Relações entre Religião e Papéis de Género

Os resultados mostram que os participantes produziram maiores quantidades de discurso concernente as características negativas de uma eventual relação entre religião e papéis de género, tendo inclusivamente havido quatro participantes que não fizeram quaisquer referências às componentes positivas desta relação.

Quadro 12: Número de participantes e número de palavras codificados nas “Valência Positiva” e “Valência Negativa” (e respectivas sub-sub-categorias) das relações entre Religião e papéis de género, em função do sexo dos participantes.

Relações entre Religião e Papéis de Género						
	Valência Positiva	Nível Comportamental	Nível Atitudinal	Valência Negativa	Nível Comportamental	Nível Atitudinal
(nº de participantes/nº de palavras)						
Sexo masculino	4/881	3/332	3/666	6/1048	5/641	5/583
Sexo feminino	7/340	4/88	7/258	9/1246	8/728	8/782
Total	11/1221	7/410	10/924	15/2294	13/1369	13/1455

Os participantes do sexo masculino foram os que, em comparação com os do sexo feminino, mais se referiram a relações de valência positiva entre religião e papéis de género (quase o dobro de palavras codificadas). Aliás, as diferenças apontadas no parágrafo anterior devem-se em muito maior parte às verbalizações dos sujeitos do sexo feminino do que às verbalizações dos sujeitos do sexo masculino.

Talvez por serem os menos lesados pelas ideologias, crenças e valores transmitidos pela Igreja Católica, os homens são os que mais atribuem significados positivos à relação

entre religião e papéis de gênero. Aqui, sobressai o discurso de um participante sem religião do sexo masculino, que defende a possibilidade de que a religião, ao impor às mulheres códigos de conduta e obrigações mais severas e castrantes esteja a respeitá-la, pois é ela o ser capaz de trazer crianças ao Mundo: “Eu estou simplesmente a mostrar o ponto positivo que é a mulher ter uma função que se calhar é menos individualista, mas que se calhar é mais pelo bem comum. Da mesma maneira como nós elevamos na religião católica, nós como quem diz, elevamos na religião católica o supremo sacrifício de Jesus, deu a própria vida, da mesma forma, apelar às mulheres que façam o sacrifício de darem a sua vida pela família é um supremo sacrifício, é elevá-las, não é só diminuí-las.”

Aqui, mais uma vez, aparece um discurso de desculpabilização da Igreja católica, apesar de produzido por um participante sem religião.

Por outro lado, a quase exclusividade de referência às mulheres nas categorias relacionadas com religião e papéis de gênero poderá apontar para uma maior preocupação social com o papel das mulheres.

Curiosamente, não foram encontradas diferenças relativamente à orientação religiosa dos participantes.

F. Relações entre Sexualidade e Papéis de Gênero

Os significados atribuídos às possíveis relações entre papéis de gênero e a vivência da sexualidade não serão abordados através da mesma tipologia de medidas que utilizámos acima. Antes analisar-se-à o discurso propriamente dito, produzido pelos participantes. Isto prende-se com a dificuldade que encontrámos em estabelecer categorias hierárquicas para os significados atribuídos a esta relação.

Os grupos foram unânimes ao afirmarem a existência de uma relação de influência dos papéis de gênero sobre a sexualidade. O grupo de estudantes universitários foi o único onde houve referências espontâneas (antes de qualquer questão específica sobre o tema) às relações entre masculinidade, feminilidade e sexualidade. Os participantes sem religião (ateus ou agnósticos), que se encontravam na totalidade neste grupo, foram os que maiores quantidades de discurso produziram acerca das relações entre papéis de gênero e sexualidade.

Por sua vez, os participantes budistas foram os que menor quantidade de discurso produziram acerca deste tema (apenas cento e oitenta e quatro palavras codificadas). Por outro lado, os católicos foram os que mais discurso produziram, seguindo-se os participantes sem

religião e depois os crentes sem identificação com uma religião e/ou Igreja específicas.

As mulheres são descritas como tendo uma vantagem na escolha dos *timings* das relações sexuais, vantagem essa que, segundo um participante católico, do sexo masculino, lhes poderá dar uma uma posição de poder na relação: “Eu acho que dentro de casa são as mulheres que dominam, mesmo a nível da sexualidade elas têm um poder enorme, ao contrário do que a maior parte das pessoas possam pensar. (...) Porque no fundo são sempre elas que definem se há ou não há o acto sexual, são elas que definem e não tanto o homem, elas no fundo é que têm a última palavra, são elas que realmente têm mais poder.” Esta perspectiva é concordante com a literatura (Sprecher, 1998).

Outro tema recorrente, contrário ao do parágrafo acima, mas referente ao passado histórico da sociedade, é o de as mulheres serem mais submissas a nível sexual, permitindo ao companheiro ser o decisor sobre quando e como se estabelecem os contactos sexuais: “De início não concordo com o que estavas há bocado a dizer que era de que as mulheres é que decretam quando é que há... decretam se calhar agora, nesta sociedade, antigamente não era assim, quer dizer, era no dia que ele queria, à hora que ele queria, como ele queria e o tempo que fosse e não havia cá história e se ela tivesse a morrer e adormecesse a meio ele dava-lhe duas chapadas e ela acordava.” (Participante do sexo feminino, católica). “Hoje em dia já existem as dores de cabeça.” (Participante do sexo masculino, católico).

Os participantes também salientaram a possibilidade dos papéis de masculinidade e feminilidade estarem patentes nas relações sexuais. Note-se, a título de exemplo estas duas verbalizações de dois participante do sexo feminino, católicas: “Mas eu acho que isso dos homens serem mais viris e mais másculos e as mulheres mais sensíveis, acho que isso se nota também na sexualidade.”; “Há um padrão, há uma forma de estar, o homem relacional que domina, que dá segurança à mulher, que leva a vida para a frente, é o homem que na relação aguenta quando as coisas estão mal, é o homem que quando a mulher está mal não chora e aguenta ali, é o homem que, mesmo na relação mais íntima, é mais viril, tem mais necessidade de sexo, é o homem que assume esse poder todo, que é um poder neste caso muito mais viril, mas se formos ver é um padrão de funcionamento que se vai ajustando à situação em si.”

Pela análise dos diversos discursos dos participantes, fica patente que estes acreditam que as características associadas ao género têm uma transposição (na forma de manifestação comportamental e atitudinal) para a vivência da sexualidade.

G. Conclusões

Uma das nossas tentativas ao longo da preparação e desenvolvimento deste estudo foi a de nos mantermos afastados da presunção de chegar a grandes conclusões ou a resultados surpreendente. Antes, a nossa esperança foi sempre a de encontrar tão e somente relações entre religião, sexualidade e papéis de género, e não explicá-las no que toca a sua génese ou justificá-las dentro de qualquer paradigma teórico da Psicologia. Apoiámo-nos em alguns dados recolhidos da bibliografia encontrada para interpretar e justificar certos fenómenos que apareciam patentes nos resultados deste estudo.

Um dos nossos objectivos era o de efectivar a religião como um fenómeno integrante na vida das pessoas e com relações com outras áreas do seu funcionamento psicológico. Este parece-nos alcançado e é a principal conclusão deste estudo. Os dados recolhidos apontam, efectivamente, nesse sentido.

Mas o corpo de conhecimentos que rodeia este tema carece ainda de sistematizações mais eficazes e de uma certa coragem deambulatoria que nos consiga desprender dos conhecimentos palpáveis e observáveis. Com isto, queremos dizer que, no futuro, poder-se-á analisar a religião tal como hoje vemos, por exemplo, a vinculação, ou seja, como um processo vasto, complexo e completo, com implicações no funcionamento humano (a variadíssimos níveis). Não nos poderemos esquecer que a religião (e toda a simbologia e mitologia que lhe está subjacente) nasce connosco, faz parte das nossas histórias de vida, das nossas casas e das nossas cidade e é, em última instância, parte da nossa cultura e dos processos de socialização. E é este lado simbólico e mitológico que poderá ser alvo de futuras investigações.

Fica no entanto uma dúvida ainda mais profunda: será a religião um fenómeno em si, ou será constituída de uma miríade de fenómenos separados? Ou seja, a religião (ou a relação dos seres humanos com esta) é por si só um acontecimento sem par, ou será um conjunto de acontecimentos semelhantes aos de qualquer outra área das nossas vidas? É aqui que nos parece ainda não ser possível chegar, pois ainda parece difícil, do ponto de vista da investigação, aceder aos reais efeitos da religião sobre o funcionamento psicológico. Há consequências que nos parecem inegáveis (como as de nível comportamental), mas haverá um outro conjunto de fenómenos inconscientes por detrás?

Consideramos que, perante a óbvia existência de inter-relações entre a religião, a sexualidade e os papéis de género, se poderá no futuro estudar também outras inter-relações.

Daí a nossa insistência, na secção teórica deste trabalho, nos paralelismos entre vinculação a figuras mitológicas e vinculação a seres humanos, precisamente, porque este paralelismo (tal como alguns resultados deste estudo como, por exemplo, o facto de as perspectivas dos participantes acerca da sexualidade variarem em função das suas orientações religiosas) levanta questões profundas acerca da religião como um fenómeno psicológico.

As diferenças entre participantes de diferentes orientações religiosas são as que consideramos mais interessantes, pois, na linha do que temos vindo a explicar nesta secção, são as que mais luz fazem sobre as relações entre as três variáveis do estudo.

Nas perspectivas sobre sexualidade fica também latente uma miríade de opiniões e significados atribuídos que possibilita afirmar a complexidade do fenómeno e abre portas a uma análise sobre o impacto de diferentes perspectivas pessoais sobre a sexualidade na vida (sexual, relacional, etc.) das pessoas. Quanto aos papéis de género, fica também uma série de resultados interessantes, nomeadamente, no que toca a forma como os participantes consideram que estes se relacionam com a religião (educação católica, crenças e valores transmitidos por esta).

A grande quantidade de discurso transcrito a partir dos *focus groups* (cerca de 150 páginas no total) dificultou o nosso trabalho de análise de dados, pois acábamos por nos ver obrigados a reduzir o número de análises e, desta forma, a não aproveitar toda a riqueza das contribuições dos participantes. Vimo-nos também obrigados a, por motivos de tamanho da tese, abdicar de algumas variáveis como as que se prendiam com a vivência de relações amorosas ou a satisfação sexual e relacional (ver Anexo A).

Uma outra dificuldade foi a de pluralizar os tipos de formação académica dos participantes (o que seria importante do ponto de vista da heterogeneidade das amostras). A maioria deles (dez em quinze) ou são psicólogos ou estudantes de Psicologia. Apenas no grupo dos Budistas havia uma maior pluralidade de formações académicas. A esta dificuldade podemos também acrescentar a das relações entre participantes: dois irmãos, dois casais (um casado e outro de namorados) e várias relações de amizade. Por um lado, pelo facto de haver maior cumplicidade entre os participantes, isto talvez tenha permitido uma maior desenvoltura dos discursos (o que enriquece os dados recolhidos), por outro, talvez possa ter criado um certo enviezamento de algumas opiniões e também poderá indicar uma maior aproximação de perspectivas entre os participantes. Na globalidade, o efeito não terá sido de maior, pois o conjunto de dados mostra uma clara heterogeneidade de verbalizações.

Ficaram por analisar mais profundamente as relações entre codificações nas categorias “Homens” e “Mulheres” (últimas categorias na hierarquia e transversais a todas as outras categorias). Aqui, talvez tivesse sido interessante analisar as respostas em função do sexo e orientação religiosa dos participantes. No futuro, seria também interessante entrevistar populações que tenham crescido em ambientes em que não está presente o conceito de pecado e punição (como nos católicos protestantes, por exemplo) e tentar perceber se a interiorização de crenças associadas a este tem reais efeitos sobre as percepções dos participantes. Seria um bom contributo dentro da linha que seguimos neste estudo. Neste medida, podemos também considerar que o facto de não termos analisado separadamente os budistas não convertidos (que sempre foram budistas, criados segundo os valores e as normas daquela religião) é uma falha do estudo.

Referências Bibliográficas

- Alves, M. P. (2006). Representações sexuais e sexualidade: Duplo-padrão sexual de género? *Psychologica*. 41, 25-43.
- Bardin, L. (2008). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barkan, S. E. (2006). Religiosity and Premarital Sex in Adulthood. *Journal for the Scientific Study of Religion*. 45, 3, 407-417.
- Bem, S. L. (1974). Measuring psychological androgyny. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*. 42, 255-162.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Poro: Porto Editora.
- Burn, S. M. & Ward, Z. (2005). Men's Conformity to Traditional Masculinity and Relationship Satisfaction. *Psychology of Men & Masculinity*. 6, 4, 254-263.
- Deaux, K. (1985). Sex and Gender. *Annual Review of Psychology*. 36, 49-81.
- Dias, M. G. F. F. & Fontaine, A. M. (2001). *Tarefas Desenvolvimentais e Bem-estar de Jovens Universitários*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Haavio-Mannila, E. & Kontula, O. (1997). Correlates of increased sexual satisfaction. *Archives of sexual behavior*. 26, 4, 399-418.
- Hazan, C. & Zeifman, D. (1994). Sex and the Psychological Tether. In Bartholomew, K. & Perlman, D. (Eds.), *Attachment Processes in Adulthood* (Vol. 5, pp. 151-178). London: Jessica Kingsley Publishers Ltd.
- Hill, P. C., Pargament, K. I., Hood, R. W., McCullough, M. E., Swyers, J. P., Larson, D. B. & Zinnbauer, B. J. (2000). Conceptualizing Religion and Spirituality: Points of Commonality, Points of Departure. *Journal for the Theory of Social Behavior*. 30, 1, 51-74.
- Hoffmann, R. M., Hattie, J. A. & Borders, L. D. (2005). Personal Definitions of Masculinity and Feminity as an Aspect of Gender Self-Concept. *Journal of Humanistic Counseling, Education and Development*. 44, 66-83.

- Hook, M. H., Gerstein, L. H., Detterich, L. & Gridley, B. (2003) How Close Are We? Measuring Intimacy and Examining Gender Differences. *Journal of Counseling and Development*. 81, 462-474.
- Kirkpatrick, L. A. (1994). The Role of Attachment in Religious Belief and Behavior. In Bartholomew, K. & Perlman, D. (Eds.), *Attachment Processes in Adulthood* (Vol. 5, pp. 239-265). London: Jessica Kingsley Publishers Ltd.
- Miner, M. H. (2007). Back to the Basics in Attachment to God: Revisiting Theory in Light of Theology. *Journal of Psychology and Theology*. 35, 2, 112-122.
- Murray, K. M., Ciarrocchi, J. W. & Murray-Swank, N. A. (2007). Spirituality, Religiosity, Shame and Guilt as Predictors of Sexual Attitudes and Experiences. *Journal of Psychology and Theology*. 5, 3, 222-234.
- Murray-Swank, N. A., Pargament, K. I. & Mahoney, A. (2005). At the Crossroads of Sexuality and Spirituality: The Sanctification of Sex by College Students. *The International Journal for the Psychology of Religion*. 15, 3, 199-219.
- Pargament, K. I., Magyar-Russell, G. M. & Murray-Swank, N. A. (2005). The Sacred and the Search for Significance: Religion as a Unique Process. *Journal of Social Issues*. 61, 4, 665-687.
- Purdon, C. & Holdaway, L. (2006). Non-Erotic Thoughts: Content and Relation to Sexual Functioning and Sexual Satisfaction. *Journal of Sex Research*. 43, 2, 154-162.
- Ribeiro, M. T. (2006). Para a compreensão da relação entre padrões conjugais, estilos de vinculação e papéis sexuais – um estudo com casais portugueses. *Psychologica*. 41, 65-82.
- Rice, E. (1999). Religion and the Adolescent: A Psychodynamic Perspective. *Psychoanalytic Psychology*. 16, 1, 58-75.
- Rowatt, W. C. & Schmitt, D. P. (2003). Associations Between Religious Orientation and Varieties of Sexual Experience. *Journal for the Scientific Study of Religion*. 42, 3, 455-465.
- Sprecher, S. (1998). Social Exchange Theories and Sexuality. *The Journal of Sex Research*. 35, 1, 32-43.

- Tesch, R. (1995). *Qualitative Research: Analysis Types and Software Tools*. New York: The Falmer Press.
- Uecker, J. E., Regnerus, M. D. & Vaaler, M. L. (2007). Losing My Religion: The Social Sources of Religious Decline in Early Adulthood. *Social Forces*. 85, 4, 1667-1689.
- Yarhouse, M. A. (2005). Constructive Relationships Between Religion and the Scientific Study of Sexuality. *Journal of Psychology and Christianity*. 24, 1, 29-35.
- Yip, A. K. T. (2002). The Persistence of Faith Among Nonheterosexual Christians: Evidence for the Neosecularization Thesis of Religious Transformation. *Journal for the Scientific Study of Religion*. 41, 2, 199-212.
- Zinnbauer, B. J., Pargament, K. I. & Scott, A. B. (1999). The Emerging Meanings of Religiousness and Spirituality: Problems and Prospects. *Journal of Personality*. 67,6, 889-919.

Anexos

Anexo A

Guião Focus Group

Amostra:

3 grupos de 6 jovens adultos cada (preferencialmente 3 do sexo feminino e 3 do sexo masculino), de idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos de idade). Um dos grupos será constituído por católicos praticantes, um outro por estudantes universitários e o último por budistas.

A. Dados dos participantes:

a) Quem são?

- 1) Nome;
- 2) Sexo;
- 3) Idade;
- 4) Estado Civil/relação amorosa actual;
- 5) Agregado familiar.

b) Áreas de estudo/profissão;

c) Afiliação religiosa;

- 1) Religião professada;
- 2) Participação em actividades religiosas;
- 3) Importância da religião para o próprio.

B. Nota introdutória:

a) Apresentação do próprio.

b) Questões de confidencialidade: “Tudo o que for aqui discutido será utilizado somente para questões de investigação, os vossos nomes serão substituídos por códigos ou nomes fictícios, mantendo-se apenas as informações pessoais relevantes para esta investigação.”

c) Esclarecimento da orientação do mestrado integrado (Professora Cidália Duarte): “Este estudo é realizado por mim, sob orientação da Professora Cidália Duarte e visa a exploração dos significados atribuídos pelos jovens adultos aos papéis de género, à sexualidade e à religião, bem como às relações que julgam existir entre estas diferentes dimensões.”.

C. Questões:

1. O que distingue homens e mulheres?
2. Como é que cada um de vós define masculinidade e feminilidade?
3. O que é a sexualidade e que significados assume?
4. Gostaria que me falassem um pouco das relações que consideram existir entre masculinidade, feminilidade, sexualidade e a vivência duma relação amorosa.
 - a) O que caracteriza relações amorosas satisfatórias?
5. E de que forma consideram que estas dimensões (masculinidade, feminilidade e sexualidade) se relacionam com a vivência de uma sexualidade satisfatória?
 - a) O que caracteriza relações sexuais satisfatórias?
6. O que é para vós a religião?
 - a) E religiosidade?
7. Que relações consideram existir entre religião, religiosidade e a masculinidade e feminilidade das pessoas?
 - a) E que implicações podem a religião e religiosidade ter na forma como as pessoas vêem os outros enquanto homens ou mulheres?
8. E relativamente à sexualidade, que relações julgam existir entre esta e a religião, religiosidade?
9. No que toca a vivência da sexualidade, existirão diferenças entre pessoas que atribuam significados diferentes à religião e às suas formas de estar nesta?
 - a) Consideram que essas diferenças se prendem com que factores?
 - b) E no que toca à satisfação sexual, consideram que existem diferenças entre pessoas mais religiosas e pessoas menos religiosas?
 - c) E no que toca a satisfação no contexto de uma relação amorosa, consideram que existem diferenças entre pessoas mais religiosas e pessoas menos religiosas?
10. Que ideologias pensam serem transmitidas pela Igreja Católica no que a estes aspectos diz respeito?
 - a) Que ideologias pensam serem transmitidas pelo Budismo no que a estes aspectos diz respeito? (nota: apenas para o grupo de Budistas)